



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO CIÊNCIAS DA ARTE**  
**ESCOLA DE TEATRO E DANÇA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

---

**CHRISTYANE NUNES COSTA**

**O FEMININO NA DANÇA: UM ESTUDO ACERCA DA  
FIGURA DA MULHER NA DANÇA DE SALÃO.**

**Belém-PA**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE**  
**ESCOLA DE TEATRO E DANÇA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

---

**CHRISTYANE NUNES COSTA**

**O FEMININO NA DANÇA: UM ESTUDO ACERCA DA  
FIGURA DA MULHER NA DANÇA DE SALÃO.**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada a Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, ETDUFPA, como requisito para a obtenção do grau em Licenciatura em Dança, sob orientação da Prof<sup>a</sup> M. Sc. Luiza Monteiro e Souza.

**Belém-PA**

**2018**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Universitária do ICA/ETDUFPA, Belém-PA**

Costa, Christyane Nunes

O feminino na dança: um estudo acerca da figura da mulher na dança de salão / Christyane Nunes Costa; orientadora Prof<sup>a</sup> M. Sc. Luiza Monteiro e Souza. 2018.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura em Dança, 2018

1. Dança de salão. 2. Mulheres na dança. 3. Coreografia. I. Título.

CDD - 22. ed. 792.8

**CHRISTYANE NUNES COSTA**

**O FEMININO NA DANÇA: UM ESTUDO ACERCA DA  
FIGURA DA MULHER NA DANÇA DE SALÃO.**

Esta monografia foi julgada adequada para a obtenção do título de “*Licenciado em Dança*”, e aprovada na sua forma final pela Universidade Federal do Pará.

Aprovada em: 25/01/2018

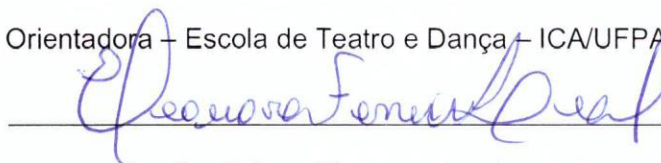
Conceito: Excelente

BANCA EXAMINADORA



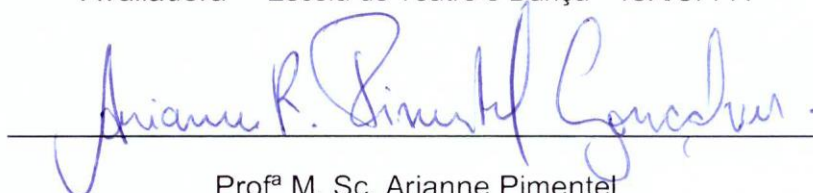
Prof. M. Sc. Luiza Monteiro e Souza

Orientadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA



Profª Dra. Eleonora Leal

Avaliadora – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA



Profª M. Sc. Arianne Pimentel

Avaliador – Escola de Teatro e Dança – ICA/UFPA

Belém-PA

2018

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura Christyane Costa

CHRISTYANE NUNES COSTA

Local e Data: Belém, 25 de janeiro de 2018

À minha filha Maria Eduarda  
Costa, meu amor maior e razão  
principal de todo meu esforço  
para dar-lhe estrutura e  
condições necessárias para  
que alcance os ideais por ela  
traçados.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido a graça de ingressar no curso de Licenciatura em Dança e também por ter me dado força para não fraquejar nos momentos mais difíceis desta jornada.

Aos meus pais, por terem me mostrado o melhor caminho a seguir durante a minha formação pessoal, por terem me proporcionado o suporte moral e com muito esforço o alicerce estrutural necessário na minha caminhada como pessoa.

À minha filha Maria Eduarda Costa, por ser a minha inspiração e motivação para galgar degraus cada vez mais elevados e por ter muitas vezes compreendido no instante que, por exigência dos compromissos da graduação, estive ausente.

Ao meu companheiro Lailson Viana Costa, que em muitos momentos esteve presente dando-me assistência em algumas tarefas e também por ter estado ao meu lado energizando-me quando o cansaço me consumia.

À minha orientadora Luiza Monteiro que, não só nesta culminância como em toda a extensão da graduação, com sua competência e paciência na arte do ensinar, foi de extrema importância para a formação e evolução de meu perfil como discente no transcorrer da licenciatura. Levarei comigo seus ensinamentos e me esforçarei para desenvolvê-los na minha prática profissional.

Aos que se tornaram meus alunos durante os estágios, pois com eles tive a oportunidade, ainda no ambiente acadêmico, de praticar e aperfeiçoar os ensinamentos teóricos repassados no curso.

Aos colegas de Licenciatura em Dança da Ufpa (2014), em especial Claudio Leandro Barbosa, Karla Carmo, Larissa Chaves, Leticia Lobo e Mayanny Belo pelo companheirismo e amizade a mim destinados.

A todos os professores da graduação, pela dedicação no ensinar como ensinar, com disponibilidade e atenção.

À instituição Universidade Federal do Pará por ter me disponibilizado o aparato técnico necessário para o desenvolvimento das atividades referentes ao curso.

O corpo diz o que as palavras não conseguem

Martha Graham

## RESUMO

CHRISTYANE NUNES COSTA

### **O FEMININO NA DANÇA: UM ESTUDO ACERCA DA FIGURA DA MULHER NA DANÇA DE SALÃO.**

Este trabalho tem por objetivo compreender o processo de construção das dimensões femininas contidas no universo da Dança de Salão, por meio de um estudo desta linguagem com alguns praticantes na cidade de Belém do Pará. Pretende-se, ainda, observar algumas dimensões femininas contidas nas performances coreográficas dos diferentes ritmos explorados na Dança de Salão, além de possibilitar a utilização da própria dança como contribuição, sendo esta um elemento para os estudos de gênero e suas representações sociais. Para analisar o presente objeto de pesquisa, adotou-se um referencial teórico baseado em coletânea de artigos de diversos autores que comemoram os 200 anos de ensino de dança de salão no Brasil, tomando como base também os trabalhos de Hanna (1999), Gomes (2008), Zamoner (2011) e Zaniboni (2007) entre outros, os quais possibilitaram a construção de um panorama social do gênero feminino no universo da dança. Além desses referenciais, o parecer de alguns sujeitos envolvidos no universo da dança foram considerados para a realização deste estudo.

**Palavras Chave:** Dança de Salão. Feminino. Coreografias. Gênero.

## **ABSTRACT**

**CHRISTYANE NUNES COSTA**

### **THE FEMININE AND DANCE: A STUDY ABOUT WOMAN'S ROLE IN BALLROOM DANCE**

This work aims to understand the process of constructing the feminine dimensions in the universe of ballroom dance genre, through a study of this language with some practitioners in the city of Belém do Pará. It is also intended to observe some female dimensions in the performances and in the different rhythms explored in ballroom dancing, besides making possible the use of the dance as a contribution, being an element for the studies of gender and its social representations. In order to analyze the present research object, a theoretical reference was adopted based on a collection of articles by several authors that celebrate the 200 years of ballroom dancing teaching in Brazil, also taking as groundwork authors like Hanna (1999), Gomes (2008), Zamoner (2011), Zaniboni (2007) and others, which allowed the construction of a social panorama of the female gender in the dance universe. In addition to these references, impressions of some subjects involved in this process were considered for the accomplishment of this study.

Keywords: Ballroom Dance. Feminine. Choreographies. Genre

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 – West Coast Swing.....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 2 – Bolero.....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 3 – Forró.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 4 – Samba de Gafieira.....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 5 – Brega.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 6 – Merengue.....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 7 – Salsa.....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 8 – Cha cha cha.....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 9 – Bachata.....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 10 – Tango.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 11 – Zouk.....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 12 – Soltinho.....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 13 – kizomba.....</b>	<b>38</b>
<b>Tabela 1 – Pergunta 1.....</b>	<b>43</b>
<b>Tabela 2 – Pergunta 2.....</b>	<b>43</b>
<b>Tabela 3 – Pergunta 3.....</b>	<b>43</b>
<b>Tabela 4 – Pergunta 4.....</b>	<b>44</b>
<b>Tabela 5 – Pergunta 5.....</b>	<b>44</b>
<b>Tabela 6 – Pergunta 6.....</b>	<b>44</b>
<b>Tabela 7 – Pergunta 7.....</b>	<b>45</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>PRIMEIROS PASSOS.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1</b>	<b>A Dança de salão: dançarinos, dançarinas e suas evoluções.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2</b>	<b>A mulher e a dama.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3</b>	<b>O floreio na dança de salão.....</b>	<b>25</b>
<b>2.4</b>	<b>Os ritmos e o feminino.....</b>	<b>26</b>
<b>3</b>	<b>COM A PALAVRA, OS DANÇARINOS.....</b>	<b>40</b>
<b>3.1</b>	<b>O que dizem as entrevistas.....</b>	<b>42</b>
<b>3.2</b>	<b>Impressões pessoais e análises.....</b>	<b>49</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>55</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>
	<b>WEBGRAFIA.....</b>	<b>61</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Meu ingresso na dança se deu em meados do ano de 2006. Ao observar um casal executando uma coreografia em um forró universitário, aproximei-me e resolvi pedir uma dança ao cavalheiro que, muito educadamente, concedeu-me. Vale ressaltar que naquele momento eu não sabia dançar nada, mas deixei-me levar pelo ritmo da dança. Porém, a timidez e a consciência de não saber dançar me impediram de continuar.

Em seguida, fizemos as devidas apresentações; o rapaz, que veio a se tornar meu parceiro até os dias atuais, convidou-me para uma aula inaugural na academia Power Fit, localizada na Rodovia Augusto Montenegro, 530 - Marambaia, Belém - PA, onde o mesmo era professor de dança de salão. Não perdi a oportunidade e, dias depois, lá estava eu no dia, horário e local combinados. Durante a aula, confirmou-se esse contágio pela arte da dança.

Senti que o meu corpo e minha vida estavam agora imersos nesse universo. Comecei a “respirar” a dança de salão. Neste período, cursava o 4º semestre de Licenciatura em Matemática na Universidade Federal do Pará, um curso de uma área totalmente diferente da dança, porém consegui conciliar as duas atividades.

Após esse contato com a dança, fui convidada a fazer parte do grupo de bolsistas, depois entrei para o grupo de apoio e, após dois anos, comecei a ministrar aulas para turmas de iniciantes com os seguintes ritmos: <sup>1</sup>Bolero, <sup>2</sup>Samba de Garfieira, <sup>3</sup>Bachata, <sup>4</sup>Zouk, <sup>5</sup>Forró e <sup>6</sup>Brega. Comecei então a fazer

---

<sup>1</sup> O Bolero é a primeira dança a ser ensinada. Os professores justificam tal procedência, alegando que ajudará a adquirir a postura adequada e o andamento cadenciado trabalhará a coordenação motora para que os movimentos incorporem-se à música. Seus passos básicos são dois dois para esquerda e dois dois para direita.

<sup>2</sup> Dança brasileira também considerada complexa, devido aos trejeitos corporais – a malandragem do cavalheiro. Seus passos básicos são: o quadrado fechado ou marcadinho, utilizados para sambas de andamentos rápidos e medianos; e o quadrado para sambas lentos; o “gancho”, que geralmente serve para iniciar, ligar e finalizar movimentos.

<sup>3</sup> Dança sensual originária da República Dominicana, que apresenta passo básico semelhante ao do bolero, com dois passos para direita e para esquerda, elevando-se o quadril nas extremidades.

<sup>4</sup> O Zouk é uma dança bastante sensual, na qual dama e cavalheiro tendem a intensificar o contato corporal, dança-se de membros inferiores afastados, de forma que possam encaixar-se dama e cavalheiro, encostando a parte interna da coxa um do outro. Assemelha-se a lambada, por isso dizemos que é uma lambada lenta.

<sup>5</sup> De origem nordestina e de fácil gosto popular. Seus movimentos básicos é o dois dois, semelhante ao bolero, porém mais dinâmico, o dois e um e o um e um, este último, significa um balanço.

vários cursos, me aperfeiçoando sempre. Fui convidada pelo professor para ser sua parceira de dança e para trabalhar com ele.

Assim que tive conhecimento do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal, informei-me sobre a forma de ingresso, prestei uma prova de habilidade e o vestibular, e consegui a almejada aprovação.

O interesse pela construção do feminino na dança de salão, objetivo deste trabalho, surgiu muito antes do meu ingresso na UFPA. Após observar um casal de dançarinos se apresentando entre outras pessoas em um evento público, chamou-me a atenção a forma como aquele casal se destacava entre as pessoas e como os movimentos tão distintos de cavalheiro e dama se alinhavam e se harmonizavam, a forma de condução e o que hoje sei que recebe o nome de <sup>7</sup>floreio, se desenvolvia com perfeição. A partir de então, resolvi investigar os aspectos ligados à dança de salão e os movimentos femininos nesse contexto.

Neste momento, será preciso uma breve contextualização, a fim de esclarecer um pouco como se constituiu o universo da dança, de modo geral, perpassando o movimento histórico, até chegar à dança de salão e suas convenções.

Sócrates já afirmava que a dança poderia formar um cidadão inteiramente, uma vez que apresentava as proporções corretas ao corpo, ensinava uma fonte para ter boa saúde e era vista como uma ótima maneira de reflexão estética e filosófica.

Todos os povos, desde a antiguidade, cultivavam formas expressivas como as danças, os jogos e as lutas. De acordo com Verderi (2009, p.48) “O homem primitivo dançava por inúmeros significados: caça, colheita, alegria, tristeza. O homem dançava para tudo que tinha representatividade, sempre em forma de ritual”.

A dança é, portanto, uma das artes mais antigas que o homem experimenta e que, ao longo dos anos, evoluiu em conceitos, nos fatos sociais

---

<sup>6</sup> O brega, expressão nacionalmente conhecida na dança de salão, tem sua origem na cidade de Belém, capital do Estado do Pará. Região de fortes valores culturais e pluralidade dancística e musical, como o lundum marajoara e o carimbo recebeu influências significativas na “Era do Rádio” de ritmos conhecidos como calypso, merengue, cumbia... e na pós-guerra, do Twist americano, do rock-and-roll e do iê-iê-iê; vindo assim a surgir, em meados da década de 60, o ritmo brega. Seus movimentos básicos é, para as damas, direita, esquerda e direita atrás enquanto os cavalheiros, direita, esquerda a frente.

<sup>7</sup> Enfeite que as damas ganham do decorrer da sua evolução na concepção corporal.

e culturais, revelando a relação do homem com o mundo e seus diferentes meios de vida.

É preciso também compreender a dança como uma produção e um processo cultural que se encontra atravessada por lutas políticas em torno dos muitos significados que os diferentes discursos e representações culturais procuram inscrever nos corpos em movimento.

Nesse sentido, é possível perceber, ainda, que a dança não está isenta de operar, ao lado de muitas outras práticas de ritualização dos usos cotidianos do corpo, como uma pedagogia cultural de gênero, por meio da qual desigualdades sociais de gênero também podem ser reproduzidas através das diferentes configurações atribuídas à movimentação do corpo de homens e mulheres.

Diante dessas observações e traçando relações com a minha inserção no universo da dança - e mais especificamente da dança de salão -, surgiu o interesse em investigar: de que maneira a dança de salão, em sua relação com os mais diversos ritmos, contribui para a construção do feminino por meio da figura da mulher nesta dança? A Dança de Salão contribui na construção do feminino por meio de coreografias e suas relações com os ritmos? Como tais representações podem ser compreendidas nas dimensões de gênero? Responder a essas questões configura então o objetivo geral desse trabalho, que teve uma dimensão teórica e outra aplicada.

Acredito que a construção do feminino acompanhou o movimento histórico que marca o surgimento da dança de salão, uma vigência de valores que remontam ao cavalheirismo e à submissão da dama, valores esses que resistem mesmo à emancipação crescente das mulheres na atualidade. Essa constitui a hipótese inicial desse estudo.

Além do objetivo geral, e da hipótese a ser confirmada, este trabalho apresenta alguns objetivos específicos: a) Revisar literaturas em torno da dança de salão, seu surgimento e os principais ritmos praticados no Brasil; b) Compreender algumas questões de gênero presentes no âmbito da dança; c) Considerar os discursos de mulheres envolvidas nesse contexto, observando a construção do feminino nas coreografias e vivências e, ainda, as implicações sociais e políticas imbricadas nessa construção.

Minha pesquisa se destina, portanto, a apresentar um estudo acerca dessa percepção, considerando também as vozes de mulheres envolvidas nesse contexto, como alunas e como profissionais.

Como parte das estratégias metodológicas, foram realizadas entrevistas padronizadas com alunas de academias de Dança de Salão de Belém e seus respectivos professores, a fim de organizar informações em torno da importância da dança de salão nas suas vidas, a construção de seus corpos, com ênfase no feminino, bem como levantar dados sobre suas opiniões em relação à questão da condução do cavalheiro.

Foram escolhidas três academias de Dança de Salão, todas localizadas no município de Belém: Academia “Cabanos”, localizada no Clube Alegria, na Marquês de Herval, número 156, bairro Pedreira; Academia “Dance+ Centro de dança” localizada na rua Municipalidade, número 1889, bairro Umarizal; e Academia “Swing”, que se localiza na rua D. Romualdo de Seixas, número 841, bairro Umarizal.

A escolha desses locais se deu por conta do conhecimento que travei, ao longo do meu convívio no contexto da dança, com alguns profissionais que se dispuseram a colaborar com o meu trabalho.

Em um primeiro momento, conversei com os professores responsáveis pelas academias, a fim de solicitar a realização das entrevistas com algumas alunas e com os próprios professores. Esse contato foi possível, como já mencionei, por conta das relações de amizade entre essa pesquisadora e alguns desses professores.

Em seguida, realizei as visitas às academias mencionadas para as entrevistas.

O conjunto de dados desta pesquisa é composto por dez (10) entrevistas com professores e alunas de Dança de Salão. Esses entrevistados receberam as questões escritas, mas responderam oralmente às perguntas propostas. As entrevistas foram gravadas e os áudios produzidos foram transcritos posteriormente para análise.

Além das entrevistas, integra também o texto deste trabalho o meu posicionamento como pesquisadora e pesquisada, pois como aluna e monitora

---

<sup>8</sup> Entrevista Padronizada ou Estruturada é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efetuada com pessoas selecionadas de acordo com o plano. O objetivo é obter, dos entrevistados, respostas as mesmas perguntas permitindo que elas sejam comparadas. (LAKATOS, 2001)

de Dança de Salão, achei relevante tratar sobre o tema que motivou essa pesquisa. Bortoni-Ricardo (2008) diz que, no âmbito das ciências humanas, há a necessidade de aceitação de um paradigma interpretativista, isto é, “a pesquisa qualitativa aceita o fato de que o pesquisador é parte do mundo que ele pesquisa”. De fato, minha convivência nesse universo da dança de salão tanto facilitou o acesso aos dados quanto estimulou a realização da pesquisa.

Sobre os sujeitos entrevistados, são professores e alunas de dança de salão, os quais passarei a descrever agora:

#### Da academia **Cabanos**:

- Professor Rollon Ho (R.H): 33 anos, formado em Educação Física, não é formado em dança de salão, mas fez algumas aulas com o professor renomado Marcelo Thiganá, e hoje sobrevive totalmente das aulas de dança que ministra. O mesmo tem domínio em todos os ritmos, mas o que melhor lhe representa é o samba de gafieira.
- Professora Thaís Sousa (T.S): 19 anos, não tem formação acadêmica em dança, mas pratica desde os 14 anos e já venceu diversos concursos ao lado do professor Rollon Ho da mesma academia. Sua especialidade é samba de gafieira.
- Aluna Gladys Vasconcelos (G.V): (não informou a idade) Fez uma aula experimental na academia, gostou e desde então pratica intensamente. Já frequentou várias academias.
- Aluna Maria da Conceição Almeida (M.C.A): 64 anos, acostumada com atividades físicas, sentiu afinidade pela dança e frequenta há seis anos.
- Aluna Nely Monteiro (N.M): 63 anos, entrou na academia por influência de uma prima, já pratica dança há onze anos.

#### Da academia **Dance+**:

- Professor Evandro Sales (E.S): 28 anos, discente no curso de dança na Ufpa e licenciado em Interpretador também na Ufpa, já pratica dança há 12 anos e suas especialidades são o Zouk e o Samba.
- Professor Ewerton Gaia (E.G): 26 anos, discente no Curso de Educação Física na Unama, vê na dança o sentido maior de viver. Suas especialidades dentre os ritmos são o Forró e o Brega.
- Aluna Antônia Vasconcelos (A.V): 68 anos, acha que conseguiu uma melhor qualidade de vida com a dança.

#### Academia **Swing**:

- Professor Teo de Souza (T.S): 72 anos, professor de dança há mais de vinte anos, considera a dança um bálsamo para suas doenças. Suas especialidades dentre os ritmos são o tango, o bolero e o soltinho.

Os nomes dos entrevistados serão abreviados no decorrer do trabalho a fim de evitar repetições.

Como já mencionado, os procedimentos empregados para o desenvolvimento desta pesquisa foram: a) Entrevista oral gravada com as alunas e os professores das academias selecionadas; b) transcrição das entrevistas; c) organização e análise das respostas e d) elaboração de texto com considerações das análises.

Como guia para esse trabalho, consulte o referencial teórico constituído em torno da dança e de suas peculiaridades, além de leituras acerca das questões de gênero e suas implicações políticas e sociais. Fizeram parte dessas leituras autores como Gomes (2008), Laban (1990), Marcelino e Silva (2007), Verderi (2009), Zamoner (2011), Zaniboni e Carvalho (2007), entre outros.

Associando a teoria consultada aos depoimentos das entrevistadas e seus professores, pude estabelecer relações de sentido e compreender as construções corporais, e mesmo as sociais, estabelecidas no contexto do feminino na dança de salão.

A percepção do feminino, nesse contexto, sua associação aos ritmos, a apropriação de uma personalidade coletiva e individual, constituem importante documento de pesquisa, dentro e fora do âmbito universitário, visto que demonstra a voz de sujeitos imersos neste universo, suas vivências e transformações a partir do ingresso nas academias e a construção de sua consciência corporal, bem como suas evoluções, não só nas coreografias, mas em torno da questão de gênero também.

Para dar conta do estudo produzido, este trabalho se divide em cinco sessões. Nesta primeira parte, faço uma apresentação e justificativa do trabalho, como também apresento os objetivos – geral e específicos – e, ainda, sua organização.

Na segunda parte, faço uma revisão bibliográfica em torno da temática proposta, refletindo sobre os conceitos de dança de salão, bem como a sua origem e desenvolvimento no Brasil. Considero também textos em torno da constituição do gênero feminino em nossa sociedade e no âmbito da dança.

Na terceira parte, descrevo o percurso metodológico desenvolvido na realização da pesquisa, os passos seguidos para a coleta de informações, e a organização das mesmas.

A quarta parte constitui uma análise das informações coletadas, ou seja, as vozes dos sujeitos envolvidos, suas percepções e os entrelaçamentos entre o que dizem esses sujeitos e o que dizem as teorias a respeito da temática abordada.

Nas considerações finais, busco retomar os objetivos do trabalho para refletir que a Dança de Salão contribui na construção de feminino de forma a caracterizar os rodeios, a leveza da mulher nos movimentos coreográficos, montadas de acordo com o ritmo a ser trabalhado. Tais floreios são compreendidos, segundo a literatura, na medida em que a criação vai surgindo, juntamente com o improviso proposto e em um contexto que define o papel da mulher também na sociedade.

## 2. PRIMEIROS PASSOS...

### 2.1 A dança de salão: dançarinos, dançarinas e suas evoluções.

Desde a Antiguidade, todos os povos cultivam formas expressivas como danças, jogos e lutas. Segundo Verderi (2009), inúmeros significados eram atribuídos as sociedades primitivas: colheita, caça, alegrias, luto. O homem dançava para tudo que tinha representatividade, era uma forma de ritual.

Segundo historiadores, as danças de casais tornaram-se mais populares no início do século XIX (embora tenham surgido no século XIV), onde registros apontam para uma origem nas cortes francesas, no reinado de Luís XIV, evoluindo nos séculos seguintes (principalmente neste contexto da nobreza).

A Dança de Salão ou dança social, praticada por casais em reuniões sociais, surgiu durante o Renascimento na Europa e tornou-se uma forma de lazer muito apreciada, tanto nos salões dos palácios da nobreza, nas danças da corte, como entre o povo em geral, com as danças folclóricas.

Era chamada de social por ser praticada por pessoas comuns, em festas de confraternização, propiciando o estreitamento de relações sociais de amizade, de romance, de parentesco etc. De salão, porque requeria salas amplas para os dançarinos fazerem livremente suas evoluções e porque foi por meio de sua prática nos salões das cortes reais europeias que este tipo de dança foi valorizado e levado para as colônias da América, Ásia e África, sendo divulgado pelo mundo todo e transformando-se em um divertimento muito popular entre diversos povos (Gomes, 2008).

Foi entre os séculos XIX e XX que a dança de salão popularizou-se e lotou os salões públicos de dança. Tornou-se também uma modalidade de competição. O primeiro campeonato mundial foi realizado no início do século XX, sendo criado posteriormente nos Estados Unidos o setor de Dança de Salão da *Imperial Society of Teachers of Dancing* – Sociedade Imperial dos Professores de Dança (SALVAGANI, 2008).

Tendo em vista esse caráter cada vez mais esportivo da atividade, passou-se a adotar o termo Dance Sport (Dança Esportiva). A dança de salão praticada nessas competições divide-se em três níveis de aprendizado:

iniciados, intermediários e open, seguindo passos restritos. Ainda nesse período, surge a Federação Internacional de Dançarinos Amadores e a International Dance Sport Federation – IDSF (Federação Internacional de Dança Esportiva), a qual se tornou membro efetivo do Comitê Olímpico Internacional – COI, que passou a reconhecer a dança como modalidade olímpica (SALVAGNI, 2008).

No Brasil, a dança de salão foi introduzida em 1914, a princípio com a valsa e a mazurca. Hoje os ritmos mais presentes nos salões e nas academias brasileiras são: o Bolero, o Samba de Gafieira, o Bachata, o Tango, o Forró e o Brega, sobre os quais falarei mais detalhadamente adiante.

Por ser a dança, de modo geral, uma forma de expressão de vários acontecimentos que marcaram época na humanidade, notamos que a partir dela o homem pode demonstrar papéis sociais e desempenhar relações dentro de uma sociedade. Isso pressupõe que o papel social do homem e da mulher também se evidencia neste contexto.

Segundo Zamoner (2011), os termos “Cavalheiros e Damas” são mais apropriados para a dança de salão por que se reportam ao tempo em que esta arte surgiu, mas definem papéis que não correspondem aos de homens e mulheres dos dias atuais. É completa: homens não conduzem mulheres, mas cavalheiros continuam conduzindo damas. Ainda segundo a autora, a educação cortês que o homem recebia na época do surgimento da dança de salão não condiz com a arbitrariedade dessa condução, pois a etiqueta cortês previa uma condução cuidadosa e prazerosa, que com o tempo tornou-se imperativa e, de alguma forma, essa arbitrariedade atravessou os séculos. Para a autora, uma das razões para essa continuidade é o fato de a dama não se sentir oprimida.

Além deste aspecto, observamos ainda que a beleza da dança a dois está na harmonia que existe quando os corpos “dialogam” ao som de determinada música. Porém, é válido ressaltar que este diálogo não acontece de imediato. Ao adentrar a este meio, o que se busca é compreender e agir na mecânica do movimento pelo movimento, isto é, o casal se aproxima apenas como forma de colaboração mútua, ambos executam ações propostas, numa situação de aprendizagem (nas academias) ou de acordo com seu entendimento próprio em um evento efetivo de dança.

Desta forma, os termos citados homens x mulheres / cavalheiros x damas, são perfeitamente entendidos e diferenciados; damas x cavalheiros são comumente utilizados na dança de salão, diferente das denominações homem x mulher, apropriados aos relacionamentos sociais. Os cavalheiros continuam conduzindo suas damas, o que não se aplica na vida social, já que a mulher na sociedade atual se emancipou e por muitas vezes, numa situação inversa à dança, ela própria conduz as relações humanas (ZAMONER, 2011).

A dança de salão seria, portanto, um pseudo-retrato de uma dimensão social, que reporta a um passado onde o poder masculino prevalecia e que hoje diverge de todas as conquistas propiciadas pela tomada do poder pelo gênero feminino. A seguir, acompanharemos essa evolução do papel feminino, na sociedade e na dança.

## **2.2 A mulher e a dama**

Podemos dizer que apesar de todas as lutas por emancipação e direitos iguais travadas pelas mulheres historicamente, estas ainda não tem seu valor reconhecido como deveria ser em nossa sociedade. Em meu ponto de vista, isso acontece pelo fato destas serem ainda parte de um grupo menos privilegiado no ambiente social, não uma minoria, mas que tem seus direitos ainda tão desrespeitados. Dessa forma, o conceito de gênero foi e ainda está sendo construído na lógica de

[...] argumentar que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas. Como construção social do sexo, gênero foi (e continua sendo) usado, então, por algumas estudiosas, como um conceito que se opunha a – ou complementava a – noção de sexo e pretendia referir-se aos comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a cultura inscrevia sobre o corpo sexuado (MEYER, 2003, p.15).

Esta figura feminina manteve e em algumas situações atuais ainda mantém a responsabilidade com as obrigações domésticas e familiares. Antigamente, o exemplo de mulher se resumia a uma mulher prendada com muita organização e que ao mesmo tempo conseguia ser uma excelente mãe e esposa. Nas palavras de Goellner,

Por muito tempo as atividades corporais e esportivas (a ginástica, os esportes e as lutas) não eram recomendadas às mulheres porque poderiam ser prejudiciais a natureza de seu sexo considerado como mais frágil em relação ao masculino. Centradas em explicações biológicas, mais especificamente, na fragilidade dos órgãos reprodutivos e na necessidade de sua preservação para uma maternidade sadia, tais proibições conferiam diferentes lugares sociais para mulheres e para homens onde o espaço do privado – o lar – passou a ser reconhecido como de domínio da mulher, que nele poderia exercer na sua plenitude, as virtudes consideradas como próprias de seu sexo, tais como a paciência, a intuição e a benevolência entre outras. (2003, p.28)

Hoje a mulher passa por um processo acentuado de emancipação e, como já disse anteriormente, conduz seu lar, suas relações de trabalho e suas relações amorosas. No entanto, no âmbito da dança de salão, na maioria dos casos observa-se ainda a antiga hierarquia que agrega sempre ao homem o papel de conduzir. Segundo Zamoner (2011), “À dama restaria a obrigação de obedecer”, ideia que, segundo a autora, tende futuramente a não se manter, pois evidencia uma relação de poder desequilibrada.

Nessa perspectiva, nas discussões sobre como os papéis sociais se transformaram na vida, mas prevalecem na dança de salão, tanto os autores quanto os próprios instrutores entrevistados para a construção deste trabalho tendem a considerar uma possibilidade de transformação, mas acreditam que essa transformação se dará de forma lenta e gradual.

Segundo Laban (1990, p.36) “Quando criamos e nos expressamos por meio da dança, interpretamos seus ritmos e formas, aprendemos a relacionar o mundo interior com exterior”. A dança permite ao indivíduo não só uma busca de sua personalidade, mas ensina-o a viver em sociedade, a se relacionar consigo e com o próximo de forma prazerosa, e não como uma obrigação. Partindo desse princípio, na dança de salão homens e mulheres deverão aprender de diversas formas, com técnicas variadas para cada ritmo (bolero, samba de gafieira, *bachata*, *zouk*, merengue, salsa, brega, forró, tango, soltinho, ente outros), cada um com seu estilo, respeitando individualidades, mas agregando harmonia aos movimentos. E a tendência é superar o paradigma machista que se criou desde as danças nas cortes medievais.

Parte desse paradigma diz respeito à condução, feita na maioria das vezes só pelo cavalheiro, discussão que se torna frequente entre os dançarinos, que apostam em uma mudança possível, mas que:

Talvez, homens e mulheres da atualidade não estejam maduros o suficiente para quebrar o paradigma do vetor da condução na

dança de salão, ou simplesmente cedem à ditadura da competição. Quem sabe em gerações futuras ocorra a revolução que fará surgir uma nova modalidade de dança de salão, sem necessariamente eliminar o que existe, mas acrescentando uma possibilidade que exige muito mais domínio de si e capacidade de interação, promovendo a chance de cavalheiros e damas arquitetarem conjuntamente cada dança (ZAMONER, 2011).

Partindo do exposto, talvez o homem e a mulher não tenham amadurecimento para mudar aquilo que se segue na dança de salão. Por isso, há uma subserviência nas regras deste gênero. Segundo a autora, essa subserviência se mantém ao longo do tempo com a permissão da própria mulher, no contexto da dança, como uma tradição. No entanto, há a possibilidade de damas e cavalheiros agregarem valores igualitários à dança, sem perder seus movimentos originais, o que ocasionaria uma interação entre o casal, com a mulher também participando da condução, fato ainda muitas vezes obstruído pelas normas tradicionais. Na condução

O deslocamento é chamado de ronda e ocorre circulando o salão no sentido anti-horário. Outra forma de rotular as danças é pela forma mais comum de condução. Na condução pelos braços (Ex: Forró moderno, Salsa, Bachata), as figuras são feitas puxando, empurrando e levantando os braços. Na condução pelo tronco (Ex: Samba, Bolero, Tango), os braços acompanham a virada do tronco exigindo uma conexão maior entre o casal, mas ainda sendo iniciativa masculina. (WIKIPÉDIA, 2017, grifo meu)

Apesar dessas discussões em torno dos gêneros e da emancipação feminina, a dança de salão existe ainda com o propósito de unir casais. O cavalheiro tem a função de conduzir a dama pelo salão, ou seja, fazê-la brilhar, pois é ele quem comanda na dança a dois, enquanto a dama ainda se deixa levar pela condução do cavalheiro, ou seja, a mesma percebe a necessidade de se tornar leve, sutil ao comando do cavalheiro e da música.

Normalmente, nos primeiros passos, assim como ocorreu comigo no início, a dama precisa se deixar levar, pois se sente retraída. Somente com o decorrer do tempo vai se soltando, e então começa a construção de seu feminino, de sua personalidade. Esse feminino vai penetrar nas prováveis coreografias e seus ritmos.

Dentre os vários ritmos existentes na dança de salão, para cada um deles há uma exigência de movimentos, de técnicas e tudo isso recai numa construção particular da dama, da mulher. Acredito que o feminino nasce a cada construção de movimento, de técnica e com isso vem também a

construção do discurso corporal, imerso em sua cultura. A mulher em muitos ritmos assume o papel principal, e a graça de seus movimentos, a leveza com que se deixa conduzir, a sensualidade de sua performance é o que dará origem ao que chamo “feminino” na dança.

Segundo Zamoner (2011), “caso houvesse uma Constituição para a clássica dança de salão, talvez começasse definindo que ‘Todo poder emana da dama’. Pois já no século XIX, Tobias Barreto afirmou que a influência do salão é sinônimo de influência da mulher”.

A seguir, observaremos o floreio como movimento constitutivo desse feminino e, por conseguinte, desse ‘poder’.

### **2.3 O floreio na dança de salão**

O floreio nos remete também aos enfeites e ornatos usados no período medieval, quando a dança de salão era praticada por damas da corte, com seu gestual delicado e as relações cortesias, onde a mulher era “coroadada” de admiração e cuidados por seus cavalheiros. Daí o fato de estar ligado diretamente ao feminino.

Podemos notar que dentre os diversos ritmos que existem na dança de salão o floreio varia muito, mas sempre determina com seus gestos a graciosidade e a personalidade feminina.

O <sup>9</sup>Floreio é o ornato, ou enfeite usado pela dama na dança, mas também podem ser os gestos graciosos que esta faz ao dançar, gestos esses que variam conforme o ritmo dançado. Esses enfeites e gestos também determinam a feminilidade e a construção da personalidade e do discurso corporal da dama.

Na dança de salão o floreio da dama se dá de acordo com a adaptação de cada mulher aos movimentos coreográficos exigidos pelo ritmo. O que acontece quando entramos nesse meio é que buscamos conhecimentos para que, com o passar do tempo, alcancemos melhor compreensão corporal e possamos imprimir personalidade própria ao enfeite, aos trejeitos e à própria movimentação do parceiro e de cada ritmo.

---

<sup>9</sup> Floreio: s.m. Ato de florear; ornato, enfeite. / Artíficos retóricos; imagens e figuras de estilo. / Ornamentos em forma de flores entrelaçadas. (DICIONÁRIO AURÉLIO on line, 2012)

Ao adentrarmos no universo da dança, nosso corpo não está adaptado a muitas formas e ritmos com os quais iremos nos deparar. Entramos de uma forma meio que mecânica, com o intuito de realizar os movimentos mais corretos possíveis e, dessa forma, ganhar cada vez mais empoderamento na dança. Com o decorrer do tempo, a dama já consegue ir descobrindo a sua dança e com isso, consegue administrar melhor o seu corpo também, fazendo com que possa, a partir daí, criar seus floreios nas suas coreografias. Nas palavras de Gladys Vasconcelos<sup>10</sup>, uma das entrevistadas nessa pesquisa,

No início a gente começa querendo entender o corpo, querendo entender o ritmo, o fazer e dançar depois com o entendimento do corpo. O meu corpo reage diferente se estiver dançando um tango, com uma postura elegante... Já se eu estiver dançando um samba, adoto uma postura de alegria e sensualidade (depoimento coletado em 11/11/17)

Esse entendimento ao qual ela se refere é a tomada de consciência que permitirá o desenvolvimento do floreio com mais personalidade e criatividade. O Floreio, portanto, constitui o espaço/momento em que é dada uma abertura para a demonstração da feminilidade, oportunidade para a dama afirmar-se e expressar-se como mulher, obtendo seu destaque na dança de salão.

A seguir, veremos o floreio e outros aspectos característicos da dama de acordo com os ritmos e coreografias da dança de salão.

## **2.4 Os ritmos e o feminino**

Como já foi mencionado, cada ritmo vai determinar os movimentos dos dançarinos, e isso vale também para a construção do discurso corporal feminino. O floreio e a personalidade feminina marcam os gestos de cada dança. Passaremos a descrever alguns ritmos conhecidos e a participação da dama em cada um deles, lembrando que, em qualquer ritmo, será preciso sincronizar os movimentos corporais, dominando os passos básicos do estilo escolhido com elegância e postura, mantendo também atenção à condução, ou seja, ao cavalheiro.

---

<sup>10</sup> Gladys Vasconcelos, aluna das academias cabanos, Sidney Teixeira e Cia Atlética. Falarei mais sobre a entrevistada na sessão na 3.

#### 2.4.1 West Coast swing

É um ritmo de dança norte-americano derivado do Lindy Hop. É caracterizado pela dança em linha (em inglês slot) e pela elasticidade dos movimentos, resultado da extensão-compressão existente na conexão com o parceiro. Esse tipo de dança possibilita bastante improvisação tanto para a dama como para o cavalheiro. O feminino é constituído justamente na mostra da elasticidade do corpo da mulher, e o porte elegante e a generosidade para permitir os improvisos também demonstram a personalidade da dama. (TIPOS DE DANÇA, 2018)

Figura 1 - West Coast Swing



Fonte: DANCEWORKS DEVON, 2018.

#### 2.4.2 Bolero

Esta dança surgiu na Europa e chegou a Cuba ainda no século XIX. A base desse ritmo é o “dois pra lá, dois pra cá”, porém ocorrem também os giros, as caminhadas e evoluções durante o bolero. O nome da dança é explicado por causa dos vestidos usados por algumas bailarinas. As peças continham bolas (chamadas de boleiras).

É considerada uma dança das mais elegantes. Com movimentos que variam de ágeis e sensuais a calmos e românticos, essa dança é uma escolha perfeita para ampliar as habilidades dos dançarinos no meio do salão. Tanto na sensualidade quanto no romantismo, o discurso corporal feminino está centralizado neste ritmo, pois a mulher passa a ser o centro das atenções: saber ser cortejada e conduzida é uma arte. (TIPOS DE DANÇA, 2018)

Figura 2 - Bolero



Fonte: GROUPON, 2018.

#### 2.4.3 Forró

O nome forró deriva da palavra 'forrobodó' e já era dançado ainda no século XIX nas cidades nordestinas. Sofreu grande influência dos africanos e

européus. É uma dança típica realizada entre casais que executam várias evoluções durante os passos. Na década de 80, surgiu um tipo de forró que utilizava instrumentos musicais eletrônicos e atraíram um público mais diversificado para esse estilo.

Um dos passos mais básicos do forró é o que o homem abraça sua parceira colocando uma de suas mãos na cintura dela e segurando a outra mão um pouco acima da cintura dos dois. Enquanto isso, a mão dela se posiciona nas costas do parceiro e seu rosto também se aproxima. Posteriormente, são dados dois passos com o pé esquerdo para o lado esquerdo e depois se repete o gesto para o lado direito. O casal deve girar pelo salão repetindo esses passos.

A postura da dama é mais festiva nesse ritmo; ela deixa-se conduzir, mas, em algumas coreografias, “faz charme” e nega-se ao abraço do cavalheiro, demonstrando o empoderamento, a força da vontade feminina. A dama se deixa conduzir porque quer, mas o faz também com doçura e sensualidade. (TIPOS DE DANÇA, 2018)

Figura 3 - Forró



Fonte: OITO TEMPOS, 2018.

#### 2.4.4 Samba de Gafieira

No samba, por sua vez, o dito “malandro” está sempre protegendo sua dama, dando espaço para que ela possa se exhibir para ele e para o baile inteiro

ao seu redor e, ao mesmo tempo, impedindo uma aproximação de qualquer outro homem para puxá-la para dançar. Daí também a atitude de se sambar com os braços abertos, como se fosse dar um abraço: além de entrar no ritmo da música, o cavalheiro protege sua dama. O samba de gafieira, enquanto gênero musical (isto é, enquanto música composta pensando nos passos dos dançarinos do samba de gafieira), inclui o samba-choro (especialmente o chamado choro de gafieira) e o samba de breque, além de possuir alguns passos já denominados como tirar a dama - puladinho - pião - assalto - romário - contratempo - meio giro - facão - facão invertido - dois tempos - andamento - elástico - perna esquerda - puladinho redondo - gancho redondo - escovinha fixa - pião aberto - dois tempos redondo - trança – entre outros.

Essa dança é uma herança do maxixe e começou a ser praticada a partir do século XX. O nome vem da palavra francesa 'gaffe' (gafe). É sempre o homem que conduz a mulher e ele executa gestos de proteção, ritmo e elegância. O samba de gafieira é acompanhado por instrumentos como o violão, o cavaquinho, percussão, choro e clarineta. (TIPOS DE DANÇA, 2018)

Figura 4 - Samba de Gafieira



Fonte: CENTRO DE DANÇA SÃO PAULO, 2018.

#### 2.4.5 Brega

O Brega pop é um ritmo brasileiro, de origem paraense, refinado do brega. Tem a influência de ritmos regionais do Pará como o carimbó, guitarrada, siriá e marujada. A principal vertente do brega pop é o calypso, conhecido no Pará como brega calypso. O ritmo se desenvolveu, sobretudo, na cidade de Belém do Pará, devido aos shows e bailes em casas noturnas de periferia e pela divulgação feita pelos vendedores ambulantes da produção dos pequenos músicos locais. Esse ritmo sofreu e ainda sofre preconceito por parte de uma camada da sociedade, mas ganhou visibilidade no cenário nacional.

As dançarinas desse ritmo representam também a força e a emancipação feminina, pois além de enfrentarem o preconceito imposto ao ritmo e aos dançarinos, souberam defender uma música e dança regional, conquistando espaços de profissionalização e reconhecimento. Mais uma demonstração de empoderamento. (TIPOS DE DANÇA, 2018)

Figura 5 - Brega



Fonte: DANÇA DE SALÃO, 2008.

#### 2.4.6 Merengue

Essa é uma dança que surgiu na República Dominicana e também criou raízes em países como Porto Rico, Haiti, Venezuela e Colômbia. Utiliza instrumentos musicais como os saxofones, acordeão, trombeta e teclado. Praticada por casais, a dança conta com passos rápidos e simples, ou seja, um dos pés marca o tempo da dança e o outro segue a coreografia. Já os membros superiores não se movimentam muito, deixando o ritmo apenas para as pernas e os pés. Mais um ritmo marcado pela sensualidade e flexibilidade do movimento corporal feminino. (TIPOS DE DANÇA, 2018)

Figura 6 - Merengue



Fonte: RITMO DA VIDA, 2018.

#### 2.4.7 Salsa

A salsa é uma dança que surgiu em Cuba e fez sucesso após outras danças latinas como o Cha Cha Cha, a Rumba e o Mambo. No entanto, essa dança ganhou mais notoriedade por meio das obras dos porto-riquenhos Irmãos Lebron. Por onde passou, a salsa foi agregando valores de países

como Venezuela, Brasil, Colômbia, Estados Unidos e República Dominicana. Dançada em pares, ela usa as batidas do ritmo da salsa e muitos rodopios. É uma dança sensual que permite que os bailarinos abusem da movimentação do corpo, o que nos permite a usar os braços a fim de florear sua dança. A dama pode fazer movimentações passando as mãos pelos cabelos, corpo e rosto de acordo com cada movimentação do momento. (TIPOS DE DANCA, 2018)

Figura 7 - Salsa



Fonte: BARROS, 2018.

#### 2.4.8 Cha-cha-cha

É uma dança que surgiu em Cuba durante os anos 50 e pode ser dançada em pares ou por qualquer pessoa. É um tipo de dança de salão dinâmica e divertida. Conta com três passos rápidos, chamados de chassé, e outros dois mais lentos. Quando os dançarinos executavam os passos mais rápidos, o som que se ouvia era parecido com “cha, cha,cha”, por isso o nome dessa dança. O casal não precisa ficar tão próximo durante a execução e a mulher coloca a mão sobre o ombro do seu parceiro enquanto ele realiza o mesmo procedimento. O pé deve permanecer sempre em contato com o chão e o peso da pessoa vai sendo direcionado para cada um deles. Neste ritmo, as damas utilizam bem o quadril, já que relacionamos as pernas e o quadril de forma a manter uma unidade. (TIPOS DE DANCA, 2018)

Figura 8 - Cha cha cha



Fonte: A TIME TO DANCE, 2008

#### 2.4.9 Bachata

A bachata é um ritmo musical, é uma dança originária das favelas da República Dominicana, na década de 60. Considera-se um híbrido do bolero (sobretudo, o bolero rítmico) com outras influências musicais como, por exemplo, o cha-cha-cha e o tango. A Bachata é uma dança bem contagiante no ambiente da dança de salão, porém alguns cavalheiros demonstram uma postura machista no momento que eles precisam balançar o quadril tanto quanto as damas, por isso acabam se intimidando e realizando esse movimento de maneira menos intensa. É um ritmo muito envolvente, onde ambos deveriam utilizar muito o quadril, pois, assim como nossos membros inferiores, eles também permitem fazer mais brincadeiras e criar floreios, tanto com as pernas como com os braços. (TIPOS DE DANÇA, 2018)

Figura 9 - Bachata



Fonte: ACADEMIA DE DANÇA ELIMAR GUIMARÃES, 2018

#### 2.4.10 Tango Argentino

O tango é uma dança que realiza um arranjo de códigos corporais que desempenham funções no interior de sua estrutura a partir de uma comunicação dos afetos no tango: função, improvisação, sensualidade e ambivalências na linguagem da dança. Surgiu nos bairros mais humildes da Argentina e se tornou uma das danças mais admiradas no mundo. Assim como a valsa, o casal de dançarinos dança bem próximo e pode-se improvisar mais do que nas outras modalidades. Apesar do surgimento no país portenho, o tango argentino sofreu influências de países como Itália, França e Espanha. Uma das origens é que a dança e a música do tango estão ligadas aos homens argentinos, que faziam filas nos bordéis e, para que não ficassem esperando tanto, os donos desses estabelecimentos contratavam músicos de tango. Apesar de remontar ao comportamento masculino, o feminino tem seu destaque neste ritmo, com o movimento de pernas e a sensualidade da dama. A cumplicidade entre o casal é marca imprescindível para o sucesso da coreografia. (TIPOS DE DANÇA, 2018)

Figura 10 - Tango



Fonte: VIMBLE, 2018.

#### 2.4.11 Zouk

O zouk surgiu nos países caribenhos durante as décadas de 60 e 70. A palavra significa festa e é dançada analisando o tempo da música. No Brasil, o zouk contém mais giros e movimentos com os membros superiores. Este é considerado um dos ritmos mais sensuais dentre todos na dança de salão, já que na sua execução o casal dança completamente encaixado na parte dos quadris. Vale ressaltar que ambos devem estar de pernas abertas e um entre o outro, o que impede de deixar o casal frente a frente, com seus membros sexuais em contato. A dama quando executa esse ritmo consegue florear com todas as partes do corpo, pois dançar Zouk é jogar literalmente o cabelo, deixar seus ombros flexíveis, usar seu tronco de forma a circular 360 graus e, tão importante quanto usar o quadril, sempre encaixado com o cavalheiro, é o uso das pernas também, as quais conseguem dar amplitudes aos movimentos. (TIPOS DE DANÇA, 2018)

Figura 11 - Zouk



Fonte: K&L DANCE, 2018.

#### 2.4.12 Soltinho

O soltinho é comparado a algumas danças que também surgiram nos Estados Unidos, mas ele possui passos básicos tanto para a direita como para a esquerda. Além disso, não há uma música específica para ele e sim canções que se encaixam perfeitamente para dançar soltinho. No Brasil, começou a ser mais praticado a partir da década de 80. Nesse ritmo, as damas usam com muita frequência as pernas em sintonia com os ombros, a fim de sintonizar um conjunto de movimentos. (TIPOS DE DANÇA, 2018)

Figura 12 - Soltinho



Fonte: NAKASONE, 2018.

### 2.4.13 Kizomba

A Kizomba é um ritmo africano que viu a sua origem em Angola. É um ritmo moderno e apaixonante, e por isso mesmo, talvez, hoje seja tocado por músicos de várias origens. Há Kizombas cantados em português – por angolanos – mas principalmente, hoje em dia, em crioulo de Cabo Verde. Os cabo-verdianos chamam a este ritmo “passada”. O Zouk seria facilmente confundido com a Kizomba não fosse uma única diferença, que em nada muda este ritmo quente e sensual: O idioma em que é cantado, é o francês. O espectro de temas que podemos dançar enquanto Kizomba alarga-se então ao Zouk, que é originário das Antilhas. Assim como Zouk, posso dizer que a Kizomba também é uma dança bastante sensual, onde as damas dançam praticamente o tempo todo coladas aos cavalheiros, trabalhando bastante seus troncos e seus quadris e que com muita malemolência conseguem fazer muitos desenhos com o corpo. (TIPOS DE DANÇA, 2018)

Figura 13: Kizomba



Fonte: [https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbn=isch&sa=1&ei=W01dWrn3NIKiwASVtI-oAg&q=ritmo+de+dança+de+salão+soltinho&oq=ritmo+de+dança+de+salão+soltinho&gs\\_l=psy-ab.3...433467.437388.0.438921.15.15.0.0.0.0.170.1750.0j11.11.0...0...1c.1.64.psy-ab..4.0.0...0.BL-AYyFx00A#imgrc=6oIVM6\\_ARPsViM:](https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbn=isch&sa=1&ei=W01dWrn3NIKiwASVtI-oAg&q=ritmo+de+dança+de+salão+soltinho&oq=ritmo+de+dança+de+salão+soltinho&gs_l=psy-ab.3...433467.437388.0.438921.15.15.0.0.0.0.170.1750.0j11.11.0...0...1c.1.64.psy-ab..4.0.0...0.BL-AYyFx00A#imgrc=6oIVM6_ARPsViM:)

Todos esses ritmos são praticados nas academias de dança de salão, onde os praticantes devem ser convidados a fazer leitura dessas características e a conhecer a devida postura, de damas e cavalheiros. Como demonstrado, as mulheres tendem a conhecer e desenvolver seu próprio

floreio e a dominar sua atitude corporal, quanto maior é a convivência com os ritmos, entretanto a dama tende a tomar consciência de corpo, maturidade e liberdade para criar o floreio e sua personalidade de dançarina.

Na próxima sessão, descreverei o percurso metodológico desenvolvido na realização dessa pesquisa, ou seja, os passos seguidos para a coleta de informações, bem como a organização das mesmas.

### 3. COM A PALAVRA, OS DANÇARINOS...

Em se tratando das entrevistas, as perguntas elaboradas buscavam informações acerca do papel feminino nas danças de salão, mas abordavam também a relação dos entrevistados com a dança, as transformações ocorridas no corpo e na vida dos sujeitos bem como as razões que os levaram a ingressar nesse universo.

Antes de explanar os detalhes das respostas, vamos a algumas razões que levam ainda hoje as mulheres a procurar a dança de salão. Essas razões são convencionais e veremos que muitas das entrevistadas concordarão com as mesmas no decorrer dos depoimentos. Ao longo de minha experiência na dança e na opinião dos professores entrevistados, essas razões acabaram sendo ratificadas.

- Mulheres que buscam a dança de salão como forma de relaxamento e socialização

Muitas mulheres buscam uma forma de relaxamento e ao mesmo tempo, uma forma de se socializar com os demais. A dança de salão trabalha muito com a questão da timidez, assim como a dificuldade de se comunicar, e isso leva muitas mulheres a dirigir-se a diversas academias com a finalidade de encontrar resultados que as beneficiem com a solução desses problemas, sabendo que a dança demanda de muito respeito com o outro e consigo mesmo, pois é de suma importância que se tenha respeito no ato de dança a dois.

Considerando-se também que as mulheres buscam relaxamento e socialização com esta arte, relacionar-se com o outro em seu momento livre de lazer gera satisfação. A partir daí, o casal torna-se um só, em busca de um único objetivo: dançar. Em muitas escolas de dança, a fala é sempre a mesma: “dança a dois é dar as mãos e seguir juntos, buscar o prazer pela dança como se fosse apenas um”. Sendo assim, a dança torna-se um momento de cumplicidade, onde cada casal (cavalheiro x dama) se comunica pela linguagem dos corpos e do olhar. Com isso, essa mesma dança torna-se uma parceria entre casais, proporcionando desafios em todos os sentidos, o que nos remete a uma melhor aproximação e socialização entre corpos.

- Mulheres que buscam a dança de salão como forma terapêutica, obedecendo à recomendação médica

É comum observarmos que determinadas mulheres são diagnosticadas com vários problemas de saúde. De posse dessa informação, diversos podem ser os benefícios usufruídos por essas mulheres que buscam a dança como forma terapêutica. Segundo ABREU et al (2008), essa prática pode melhorar a coordenação motora, ritmo e percepção espacial, possibilitando o convívio e o aumento das relações sociais.

É perceptível notar que independente de idade e sexo, a dança leva o corpo a se permitir fazer movimentos e relações e, conseqüentemente, ampliar seu rol de convivência, fatores que avivam e o mantêm motivado.

Quando se trata de socialização, a dança a dois pode sustentar das crianças, passando pelos adolescentes, e posteriormente pelos adultos, chegando até os idosos. Para Zaniboni e Carvalho (2007), as crianças a partir dessa prática criam um espaço saudável da convivência em grupo, trocando experiências e compreendendo os limites do outro. Nessa mesma linha de pensamento, Marcelino e Silva (2007) afirmam que na Educação Infantil, essa prática pode ser considerada uma possibilidade de conteúdo curricular nas aulas de Educação física, uma vez que trabalha com aspectos atitudinais importantes como respeito entre gêneros e interação, além de potencializar a expressão e a concentração das crianças.

- Mulheres que buscam a dança de salão com propósito de aprender de fato suas diversas e diferenciadas técnicas, construindo assim sua personalidade e feminilidade na dança

Algumas mulheres buscam na dança de salão o melhor delas mesmas. Em um primeiro momento, quando as técnicas estão sendo aprendidas, essas parecem meio robotizadas, e a dança remete a esta mulher como sendo algo não tão agradável. No decorrer do processo de aprendizado, algumas damas até pensam em desistir nos primeiros obstáculos, porém, há aquelas mais determinadas que buscam maior conhecimento.

Para estas que irão buscar motivação, ao arriscar seus primeiros passos e perceber o seu crescimento, no que diz respeito à construção do seu

feminino e da sua postura na dança, evoluindo com a desenvoltura de seus movimentos e se estruturando na dança, a dança a dois passa a identificar uma linguagem corporal onde os corpos se comunicam pelos olhares, pelo contato e pela improvisação, coordenados pelos sujeitos que dançam, refinando e melhorando qualquer relação.

Considerando essas afirmações, verificamos, ainda, na literatura, alguns benefícios que a dança proporciona para os seus praticantes. Tais benefícios vão muito além do que se pode ver.

- Melhora o funcionamento do organismo, otimizando os batimentos cardíacos e a troca de fluidos entre os diferentes órgãos do corpo, estabelecendo o equilíbrio físico natural.
- Ajuda a reduzir a ansiedade, diminuindo a tensão da musculatura e propiciando o relaxamento; a dança estimula a concentração e tranquiliza a mente.
- Gera autoconfiança, pois as pessoas que dançam se sentem mais confiantes com as mudanças no corpo e conseguem se expressar melhor e com mais liberdade de movimentos.
- Influencia na formação do indivíduo, uma vez que as informações corporais, sociais e emocionais da dança contribuem para o crescimento das crianças, facilitando a realização de exercícios mais complexos que melhoram inclusive o desempenho escolar delas.
- Melhora o condicionamento físico, já que aumenta a resistência e o fôlego.
- Desenvolve as atividades cerebrais, porque quando dançamos, somos estimulados a executar movimentos precisos, e essa ação promove a irrigação de algumas regiões do cérebro.

Esses e outros benefícios serão mencionados pelos entrevistados em nossa pesquisa, razão pela qual os estou antecipando, assim como as asserções acima.

### **3.1 O que dizem as entrevistas**

Vejamos agora a triagem de algumas respostas dadas por nossos entrevistados:

Tabela 1 - Pergunta 1

1. Que razões levaram você a ingressar na dança de salão?	
Convidado por um amigo ou parente.....	30%
Entrou para conhecer ou experimentar.....	30%
Participou de projeto social na escola.....	20%
Não respondeu.....	20%

Fonte: Elaborada pela autora

Observei que a influência de outras pessoas foi a principal razão pela qual as entrevistadas (somando 60%) buscaram a dança de salão, o que confirma o primeiro benefício citado sobre socialização e diversão.

Tabela 2 - Pergunta 2

2. Qual o significado da dança de salão na sua vida?	
Vida.....	30%
Paixão/ Prazer.....	30%
Movimento/ Saúde.....	20%
Outras respostas.....	20%

Fonte: Elaborada pela autora

A paixão pela dança ficou evidente nas respostas a essa questão: a dança é vida e prazer para as mulheres que também destacam seu valor para a saúde física e mental.

Tabela 3 - Pergunta 3

3. Quais transformações a dança de salão acarretou no seu dia a dia?	
Melhoria na coordenação motora/ Potencial físico.....	20%
Energia e rejuvenescimento.....	20%
Qualidade de vida.....	20%
Postura e firmeza feminina.....	20%
Mudanças atitudinais.....	20%

Fonte: Elaborada pela autora

Como já mencionado, as entrevistadas citaram diversas vantagens para a saúde do corpo, mas chamou a atenção as mudanças de atitudes em relação a feminilidade das mesmas.

Tabela 4 - Pergunta 4

4. Como ocorre a relação entre você e a dança?	
Quero sempre mais.....	30%
É uma felicidade.....	30%
Tem altos e baixos.....	10%
Outras respostas.....	30%

Fonte: Elaborada pela autora

Mesmo com algumas dificuldades, as entrevistadas dizem se esforçar para estar sempre realizando as aulas de dança, pois sentem-se estimuladas.

Tabela 5 - Pergunta 5

5. Você diria que tem percepção corporal?	
Sim.....	20%
Não.....	0%
Observo algumas alterações/reações no meu corpo.....	60%
Não respondeu.....	20%

Fonte: Elaborada pela autora

Apesar de não conceituarem “consciência corporal”, as entrevistadas compreendem as transformações ocorridas em consequência da dança em seu corpo e em sua postura.

Tabela 6 - Pergunta 6

6. Qual o seu entendimento sobre a técnica da condução?	
Percebo pela condução se o outro sabe dançar.....	10%
A condução exige a força de um homem.....	20%
A indução é melhor que a condução.....	30%
Deixo a dama livre para conduzir.....	10%
Não respondeu.....	30%

Fonte: Elaborada pela autora

A condução na dança é compreendida como “saber dançar” por algumas mulheres, que atribuem ao homem tal função, mas outras já demonstram se interessar por outra forma: a indução, que será melhor explicada nas análises.

Tabela 7 - Pergunta 7

7. Na sua opinião, a mulher pode conduzir?	
Sim.....	1 prof.
Não.....	1 prof.
Sim, numa situação de aula.....	3 profs.

Fonte: Elaborada pela autora

A discussão sobre a condução foi ampla entre os professores, os quais consideram a possibilidade de a dama conduzir em situações determinadas (aulas).

Passaremos a analisar agora mais detalhadamente as opiniões dos entrevistados, suas concepções a respeito da dança de salão como atividade física, de entretenimento, bem como os aspectos sobre o papel feminino nesse universo.

Em primeiro lugar, analisaremos os depoimentos das alunas. Todas fazem dança de salão nas academias mencionadas, são idosas com mais de 60 anos, estão há mais de cinco anos nesse universo da dança e consideram essa atividade primordial em suas vidas.

Em relação à primeira proposição mencionada acima, todas as entrevistadas disseram ter na dança uma forma de relaxamento e socialização. A.V. diz que a dança lhe trouxe “muitas coisas boas”. N.M. afirma que se sente animada, acolhida, “eles nos tratam como jovens” e que se dá bem com todos os colegas e professores. G.V. diz que sempre fez exercícios físicos e conviveu num ambiente de academia, mas com a dança se realizou: “foi lá que aprendi a dançar de verdade”. Para M.C.A a dança trouxe contribuições diversas: “não tenho nenhum problema de ansiedade, me sinto jovem”. Ela diz que vai muito além dos exercícios e repetições de movimentos; que dança “é sentimento, é tesão”.

No que diz respeito à questão física e corporal, as entrevistadas disseram ter desenvolvido uma melhor coordenação motora, domínio e consciência corporal, além de adquirirem mais disposição. N.M. e G.V disseram inclusive que se livraram de dores que as incomodavam e que hoje têm mais qualidade de vida com a dança. Essas entrevistadas se encaixam, portanto, na segunda proposição que tem a Dança como atividade terapêutica, embora não tenham mencionado recomendação médica.

Tais depoimentos apontam vários os benefícios que a dança traz, alguns dos quais também já foram mencionamos acima, e que,

A dança a dois é uma atividade saudável que traz benefícios para o corpo, como a melhora da capacidade física e redução dos estados depressivos. Provavelmente, o que todos querem diante da pista de dança é simplesmente buscar o prazer. (ALMEIDA, 2005, p.129)

Já em se tratando da dança como técnica corporal e como aprendizagem, essas mulheres afirmam terem hoje dominado diversas técnicas de movimentos correspondentes aos ritmos que praticam; se sentem com autonomia para realizá-los e afirmam que passaram por todos os estágios mencionados na terceira proposição: iniciaram tímida e mecanicamente, em seguida foram adquirindo confiança e hoje se sentem donas de seus movimentos.

Além da questão técnica, elas afirmam ter adquirido outros valores trazidos pela dança, como autoconfiança, determinação, sentimento de pertencimento ao gênero feminino e, ainda, se sentem bonitas e sensuais.

Ainda dentro da abordagem de gênero, as entrevistadas, quando inquiridas sobre a condução na dança, divergiram em suas opiniões. A.V. diz que percebe se um homem sabe ou não dançar pela forma como ele a conduz, o que demonstra que ela não só concorda com a condução masculina, como acredita ser essencial para a dança que o homem domine a técnica de condução.

G.V. defende o pleno entendimento entre o casal, mas não se posiciona em relação à condução propriamente dita. Como essa questão foi mais discutida entre os professores, essas respostas ficaram na informalidade.

Analisaremos agora os depoimentos dos professores entrevistados, os quais são instrutores nas academias selecionadas e, portanto, trabalham com as mulheres entrevistadas também.

Em relação à iniciação na dança de salão, vários mencionaram ter começado a dançar com um dos pioneiros da dança de salão em Belém: Prof. Marcelo Thiganá. Esses professores fizeram parte de um grupo que inicia a dança de salão como técnica no Município, como é o caso de Teo.S. e R.H. Já outros começaram fazendo parte de projetos sociais de dança e, de alunos, tornaram-se professores, como E.G e Thais.S.

Os entrevistados afirmam também viver hoje da dança, apesar dos altos e baixos. R.H. diz “a dança é o meu sustento, é o sustento dos meus filhos” e T.S afirma que “às vezes tenho vontade de desistir, mas continuo por amor”.

Assim como as alunas, eles afirmam que a dança tem suma importância em suas vidas. Para Teo S., a dança em geral “é um combustível para a vida”. Thaís.S. vai além: “a dança é o que eu sou, é minha verdade”. Essa paixão que a dança desperta é o que veremos em todos os depoimentos.

Em relação à consciência corporal, alguns entrevistados dizem ter uma boa consciência de seu corpo, a qual é necessária para poderem ensinar. Thais diz que trabalha muito essa questão. Outros entraram em maiores detalhes, como R.H, que diz que cada ritmo obriga o corpo a fazer determinado exercício e obter determinado resultado, e que mudar de ritmo implica uma alteração de reflexos, maior ou menor abertura de braços, impressão de força nos movimentos, etc. Essa consciência corporal, como já foi mencionado, vem com o tempo, com treino e, segundo esses professores, é maior quando se tem que ensinar e passar essa confiança aos alunos.

Quando inquiridos sobre a questão da condução na dança de salão, houve uma série de explicações: Teo S. disse que na dança em geral, “a dama depende do cavalheiro para poder evoluir nos movimentos”. Segundo ele, o cavalheiro que não souber conduzir impede a dama de dançar propriamente.

Thais defende que a mulher pode conduzir, pois não é necessário força para realizar a condução, no entanto, acha complexa essa discussão, e diz que pode-se até propor, para dançarinos experientes, a alternância na condução. R.H defende que o condutor, homem, não imprima força na condução; defende, portanto, a indução aos movimentos femininos, não mais como um comando masculino, mas como orientação de movimentos.

E.G compartilha dessa indução, e diz que nunca gostou de conduzir, mas de “mostrar o caminho” para a dama. E.S. diz que os experimentos de inversão de papéis de condutor na dança geram polêmica pois, segundo ele, quando a mulher passa a conduzir ativamente, pode ocorrer uma falha na comunicação. Os papéis de dama e cavalheiro na dança de salão são bem marcados e isso pode gerar insegurança. Ele defende, então, uma condução compartilhada, com a mulher propondo movimentos.

Ao mencionar essa polêmica, E.S diz que hoje nos salões homens e mulheres têm experimentado inverter os papéis, sem prejuízos para a dança em si, pois uma mulher pode desempenhar na dança o papel de um cavalheiro e vice e versa, mas que essa inversão é vista com preconceito por algumas pessoas. Ele acredita que as damas podem estar construindo um novo processo de condução, mas que demorará ainda um pouco para ser totalmente aceito.

No âmbito da dança como no âmbito social, as pessoas buscam garantir espaço para as diversidades e a criatividade. E.S disse também que nos salões ainda há muito preconceito em relação à condução: “a dama não pode fazer nada além do que o cavalheiro conduz; ela não pode nem levantar a perna se ele não permitir” – afirma.

Tais afirmações remetem ao papel da dama em certos manuais de boa conduta social, examinados por Zamoner (2011), onde se lia que a dama é a entidade feminina do casal, a unidade da dança de salão, que se deve deixar conduzir e se comportar com integridade e elegância. Mesmo simbolicamente, ainda vigora no universo da dança esse papel da dama que segue o que o cavalheiro determina.

Quando questionados sobre a mulher poder ou não conduzir, os professores divergiram outra vez. Teo S. diz que sim, se a mulher for professora de dança; em outra ocasião sua resposta é que a dama espera pela condução do cavalheiro, sem a qual ela não poderá evoluir. Outros professores responderam que, em situações de aula, a professora pode e deve saber conduzir.

A professora Thais também defende que em suas aulas deve exercer a condução, mas acha complexo propor a condução à mulher, pois acredita que isso geraria uma “falsa liberdade” onde a dama poderia “dançar sozinha”; entretanto, acredita que dançarinos experientes podem sim propor uma outra forma de condução.

Para R.H. ainda vigora o tradicionalismo. Ele estuda outros tipos de condução, como a compartilhada e a indução, mas afirma que “a dama conduzir um cavalheiro ainda não entrou na sua cabeça”; possivelmente, segundo ele, esse tipo de condução gerará atrito.

E.G. diz que, invertendo os papéis, a mulher pode conduzir, porém dessa forma ela estaria fazendo as vezes de cavalheiro e não de dama que

conduz. E.S. diz que a condução feminina poderia ocasionar uma falta de comunicação e que o cavalheiro ficaria a mercê da vontade da dama, o que poderia gerar insegurança. Segundo ele, a “falsa liberdade” é uma forma de liberar a mulher para realizar o seu floreio á vontade, mas depois ela deve voltar para ele, e a condução volta ao normal.

Esses depoimentos demonstram que certo tradicionalismo perdura na dança, diferentemente da sociedade, aonde a mulher conduz normalmente. Na dança, um acordo de condução permanece. Damas são damas e cavalheiros são cavalheiros, e mesmo que os sexos se oponham, os papéis não se invertem. Não há divergências quanto a isso, e parece que o poder civilizador das regras de boa conduta está subentendido nos salões de dança. Ou como afirma Zamoner

A condução hoje nos oportuniza conhecer, viver e treinar modelos de relacionamento, verbais ou não, que visam a realização das partes nelas envolvidas. Este é um dos maiores poderes civilizatrizes da dança de salão. A razão é que inspira as boas relações, não somente entre cavalheiros e damas, mas entre grandes grupos e nações, simplesmente porque tem como regra primordial manter o objetivo de harmonizar desejos e permitir a satisfação de todos. (ZAMONER, 2011, p. 89)

### **3.2 Impressões pessoais e análises**

Minhas impressões pessoais como artista acerca do universo da dança e da construção do feminino também constarão como dado dessa pesquisa. O relato a seguir é pessoal e traduz um pouco de minha vivência como dançarina.

Como mencionei na introdução, meu ingresso na dança se deu em meados do ano de 2006, quando, ao observar um casal dançando aproximei-me e me resolvi pedir uma dança. A partir daí estaria selado meu envolvimento com esse universo. Comecei a cursar dança e logo me tornei monitora e em seguida ministrei aulas para iniciantes. Também prestei vestibular e entrei como graduanda no curso de licenciatura em dança da UFPA.

O interesse pela construção do feminino, tema central deste trabalho, surgiu após observar um casal de dançarinos que, se apresentando lindamente entre outras pessoas num evento público, chamou-me a atenção. A forma como aquele casal se destacava entre as pessoas, como os movimentos tão distintos de cavalheiro e dama se alinhavam e se harmonizavam, como ocorria

a condução e como a dama desenvolvia o floreio com perfeição me levaram a querer investigar esses aspectos.

A empatia de acordo com Del Prete e Del Prete (1999) pode ser definida como a capacidade de reconhecer sentimentos e identificar-se com perspectiva do outro, manifestando reações que expressam essa compreensão, esse sentimento. A empatia é considerada como produto evolutivo do modo de organização familiar dos seres humanos e animais, aparecendo como comportamentos sociais “naturais” desde a mais tenra idade.

Complementando a definição acima, Baron-Cohen (2004) ressalta que:

A empatia é a capacidade de identificar emoções e pensamentos de outra pessoa, respondendo a eles com uma emoção apropriada. [...] A empatia ocorre quando sentimos uma reação emocional apropriada, uma emoção provocada pela emoção do outro, e tem a finalidade de compreendê-lo, de prever seu comportamento e estabelecer uma conexão ou combinação emocional. [...] A empatia surge de um desejo natural de cuidar dos outros (BARON-COHEN, 2004, p.16).

Com as diversas leituras realizadas no curso superior, pude construir uma compreensão do que possivelmente faz nascer essa harmonia entre os pares na dança de salão. Segundo Laban, (1990) “Quando criamos e nos expressamos por meio da dança, interpretamos seus ritmos e formas, aprendemos a relacionar o mundo interior com exterior”. A dança permite ao indivíduo não só uma busca de sua personalidade, mas ensina-o a viver em sociedade, a se relacionar com o seu eu e com o próximo, de forma prazerosa e não como uma obrigação.

Os professores da referida pesquisa aprenderam a dançar de formas diferentes, com técnicas variadas para cada ritmo (bolero, samba de gafieira, *bachata*, *zouk*, merengue, salsa, brega, forró, tango, soltinho, ente outros) e com o decorrer do tempo, cada um com seu estilo construiu, individualmente e em dupla, uma consciência, de si e do outro, capaz de combinar perfeitamente movimentos e espaços no ritmo que praticam.

Isso mostra que a dança de salão existe com o propósito de unir casais. Nesse contexto, o cavalheiro tem a função de conduzir a dama pelo salão, ou seja, fazê-la brilhar, pois é ele quem comanda na dança a dois; a dama por sua vez, precisa se deixar levar pela condução, ou seja, a mesma precisa se tornar leve, sutil ao comando do cavalheiro e à música.

Aprendi que a dama, no primeiro contato com seu parceiro, precisa se deixar levar; que no início é comum que se sinta retraída e que, somente com o decorrer do tempo, vá se soltando e comece a construção da sua personalidade feminina na dança. Esse feminino vai penetrar nas prováveis coreografias e seus ritmos.

As investigações sobre o fenômeno da comunicação verbal e não verbal são de grande importância para a compreensão dos relacionamentos interpessoais. Uma das razões do grande interesse pelos estudos da comunicação não verbal pode estar provavelmente relacionada à sua importância e representatividade no processo de relacionamento a compreensão mútua entre seres humanos. Esta importância é evidenciada pelo papel que a comunicação não verbal “desempenha no sistema total de comunicação, a enorme quantidade de sinais informativos que proporciona em toda situação particular, e a que se utiliza nas áreas fundamentais da vida cotidiana” (KNAPP; HALL, 1999). Ainda nesse contexto, Hanna (1999) enfatiza que:

A dança reverbera experiência passada e presente, a experiência humana da vida corpórea faz com que o corpo que dança seja importante veículo de comunicação para transmitir, reforçar e desafiar. A inerente sexualidade da dança pode ser uma razão por que a dança é uma atividade quase universal e por que o papel sexual é limítrofe com a sexualidade na dança. Vê-se o intercuro sexual como sendo o gerador de vida, um ato de poder milagroso e de mágico sentido de prazer e do alívio. A corte e a excitação despertam e antecipam. Os signos de sexualidade evocam essas imagens e sentimentos eróticos. Elas também servem como referências simbólicas para outros corpos de poder. Dentro de uma perspectiva global, o sexo e a dança estão associados de múltiplas maneiras que nem sempre são mutuamente excludentes. Suas associações podem ser vistas agrupando-se na base da intenção, da função e das imagens dos papéis sexuais. Uma ampla categoria é a dança afrodisíaca, que transmite o papel sexual do objeto de sexo ou parceiro, onde as intenções incluem entretenimento e jovialidade, sendo explícita ou implícita a provocação sexual. Em alguns casos, dançar é programado primeiro para a exibição da atração sexual a fim de selecionar o (a) companheiro (a) e, depois estimular a união (HANNA, 1999, p.82-83).

A dança - como qualquer outra prática social -, pode ser vista como constituída na e pela linguagem, isto é, pelos discursos e pelas representações que fundam e dão sentido à vida social. Por utilizar o corpo como parte principal da sua mensagem estética, a dança está fortemente implicada nos processos de linguagem que operam na construção cultural do corpo.

Como observa Albright (1997), existe todo um senso de vida estabelecido em torno de distinções corporais, relacionadas ao gênero, à classe, à etnia, à geração, à sexualidade, etc. Os movimentos, os gestos e as posturas corporais são culturalmente diferenciados de acordo com cada uma dessas identidades sociais. O corpo é, portanto, nessa perspectiva o local de inscrição dos discursos e representações culturais, que posicionam os sujeitos em lugares sociais específicos, por meio da construção de diferentes “marcas” corporais. (LOURO, 2004).

Isso me fez perceber como esses discursos foram sendo construídos, no decorrer da história de homens e mulheres e, por conseguinte, de cavalheiros e damas, no contexto dos salões.

Compreendi que a proposição do feminino não se deve apenas a repetição de movimentos, já que muitas mulheres são levadas a imitar passos. Considero que cada construção se dá de forma diferente, visto que é necessário que cada dançarina expresse o que sente. A dança para mim é alimento vital, sendo, dessa forma, absolutamente importante para meu psíquico que me movimente de acordo com meus sentimentos, decifrando, a partir de aí, o meu real significado.

Considero que as diferentes dimensões femininas nas performances coreográficas se dão a partir das suas vivências com o meio. Faz-se necessário, portanto, que a dançarina adentre nas suas construções e de posse dessas expressões, monte passo a passo a sua feminilidade. Seus gestos e movimentos precisam ser naturais para que alcancem o encantamento da dança.

Entendo os espaços de dança de salão como sendo ambientes que ‘moldam’ homens e mulheres para a prática de uma atividade artística. Considerando-se que nesta modalidade obrigatoriamente dança-se a dois, e logo se obriga uma aproximação e convivência entre dois parceiros, por vezes desconhecidos, será necessário estabelecer regras de conduta para que não só a dança, mas a convivência seja harmoniosa.

Ao se determinar uma aproximação única pelo casal, ambos devem se preocupar com o outro, na forma de expressar-se e comunicar-se.

A dança como forma de expressão e comunicação, estimula as capacidades humanas e pode ser incorporada à linguagem oral, por exemplo. Assim como as palavras são formadas por letras, os movimentos são formados por elementos, a expressão estimula e

desenvolve as atividades psíquicas de acordo com os seus conteúdos e na forma de ser vivida, tanto quanto a palavra (LABAN, 1990, p. 33).

Dessa forma, se faz necessário a cumplicidade entre casais, já que na dança de salão, dançar com um parceiro não significa dançar por dançar, mas sim mover o corpo em companhia do outro, sempre em harmonia e sintonia de ambos, num mesmo ritmo, resultando em uma união entre corpos.

Percebi então uma pequena diferença entre damas e cavalheiros. Elas, em alguns casos, rompem com determinados estereótipos que lhes foram impostos historicamente, como o de “dona de casa”, papel no qual são vistas como seres recatados, que procuram levar suas vidas, voltadas para a formação dos filhos e bem-estar de seu casamento. As mulheres libertam-se desses paradigmas, a ponto de mostrar habilidades, antes contidas, aflorando sua sensualidade.

Eles, por outro lado, tentam agregar outras experiências às suas vidas, buscando mostrar sua masculinidade, através de gestos e ações, mas, ao mesmo tempo, enxergam em seu próprio corpo uma feminilidade já existente. Em alguns casos, muitos homens apresentam requebrados e malemolências, comumente encontrados em corpos femininos.

No entanto, o cavalheiro continua a direcionar os movimentos e a dama responde a essa comunicação, reforçando a ideia de que, na dança de salão, cabe apenas ao feminino o papel da submissão. Compreendi que a construção da masculinidade e da feminilidade neste estilo persiste em atribuir ao homem comportamentos naturalizados pela força e racionalidade e à mulher condutas relacionadas às emoções e sentimentos.

Sendo assim, pelo que pude observar, as organizações que se colocam entre os parceiros na dança de salão não fazem desaparecer por completo as diferenças existentes entre os gêneros; diria mesmo que reforçam-nas. As diversas técnicas existentes são formas de se compreender que as danças de salão constituem importante espaço para se pensar o dançar feminino e o masculino, e podem trazer inúmeras contribuições no campo teórico e para essa compreensão na prática da dança de maneira geral.

Dentre os vários ritmos existentes na dança de salão, há uma exigência de movimentos, de técnicas que constituem uma construção. A do feminino, por exemplo, nasce de uma tomada de decisão da própria mulher, de

sua consciência de corpo, das técnicas adquiridas e, também, de sua cultura. Como vimos nas entrevistas, as alunas demonstram essa construção quando tomam consciência de sua sensualidade, de sua postura e das inúmeras vantagens da dança para o corpo e mente, e também sua cultura, quando discutem a condução masculina, se manifestando em favor da presença masculina nessa técnica.

Particularmente, em relação a esse aspecto da condução, creio que a dama não só pode como tem tanta competência quanto o cavalheiro para conduzir, inclusive há damas que conduzem melhor que cavalheiros em algumas coreografias, não acarretando nenhum problema de comunicação, como disse um dos entrevistados.

Em se tratando de uma dança a dois, sempre haverá um que conduz e outro que é conduzido, independentemente de gênero. Havendo um bom condutor, a coreografia fluirá sem maiores complicações. Dessa maneira, discordando da maioria dos entrevistados, defendo que a mulher pode conduzir e, ainda assim, manter sua feminilidade.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

No início desse estudo, propus examinar de que maneira a dança de salão contribui para a construção do feminino a partir das coreografias e suas relações com os ritmos, observando, ainda, como tais representações podem ser compreendidas nas dimensões de gênero vigentes em nossa sociedade. Para tanto, debruicei-me sobre a literatura em torno da dança de salão, suas origens, suas regras e os ritmos mais praticados. E em pesquisa junto a praticantes da dança de salão em algumas academias da cidade de Belém.

A dança é realmente uma das artes mais antigas que o homem experimentou, possivelmente foi a primeira forma de expressão emotiva, representando a manifestação de temores, alegrias e mesmo a preparação para a guerra. Logo passou a representar cerimônias, espetáculos, celebrações e, por fim, uma forma de divertimento e aprendizagem.

Ao longo dos séculos, a dança evoluiu em seus conceitos, acompanhando naturalmente as transformações sociais e culturais pelas quais o mundo passou. A partir dela o homem demonstra como se constituem os papéis sociais e suas relações.

Assim, segundo Zamoner (2011), se constituíram os termos e os papéis de cavalheiros e damas, reportando-se à época em que as danças de salão se tornaram populares nas cortes europeias.

Nesse exame da literatura, também pudemos observar que os papéis de homens e mulheres evoluíram na sociedade e se transformaram, tendo a mulher conquistado um espaço de destaque, conduzindo lares, empresas e sua própria vida com mais autonomia.

Porém, no contexto da dança de salão, os papéis de dama e cavalheiro perduram, sendo ele o condutor e ela a conduzida em qualquer ocasião e na maioria das coreografias. Tal organização também remete, segundo a autora, aos manuais de convivência que vigoravam nas cortes, e completa: “homens não conduzem mulheres, mas cavalheiros conduzem damas”.

A dança de salão, hoje em seus variados ritmos, exige dos praticantes uma gama diferenciada de movimentos, os quais compõem as coreografias. Os papéis dos dançarinos também se distinguem nesses ritmos. Percebemos que ocorre, então, a construção de uma personalidade, de uma consciência corporal de cada um e também do casal.

A dama, como vimos, começa de forma tímida sua aprendizagem, no contexto das academias, por exemplo, mas vai aos poucos construindo essa personalidade de parceira e de dançarina individual. Quando domina as estruturas da dança, adquirindo consciência corporal, começa também a desenvolver sua feminilidade e sensualidade na dança, bem como a imprimir sua personalidade junto ao cavalheiro.

Nesse sentido, destaco que a dança de salão contribui na construção do feminino quando caracteriza essa aquisição de consciência da mulher e da dançarina. Na construção do floreio, na leveza dos movimentos coreográficos, onde muitas vezes ela é o centro das atenções.

Segundo diversos autores e os manuais antigos examinados por Zamoner (2011), a dama é o centro, é a unidade da dança de salão. Ela deve portar-se com elegância e integridade ao ser conduzida, mas será ela quem escolhe o cavalheiro e quem deve mostrar-se satisfeita com os movimentos desenvolvidos.

Vimos esse aspecto muito claramente nas respostas dos entrevistados, que concordaram plenamente em definir a dama como elemento principal da dança de salão. As alunas se descobriram mais seguras de si, mais mulheres e mais sensuais. Os professores se preocupam com formas mais democráticas no trato com as dançarinas, com aulas que valorizam o papel delas, observando novas formas de condução e menos impressão de força nos movimentos.

Muitos fatores atuam na construção das mensagens estéticas construídas pelos movimentos corporais de uma dama, principalmente na dança de salão. Um desses fatores é a origem cortês dessas danças. Segundo os manuais de boas maneiras da antiguidade, a dama deveria se mostrar como alguém a ser conquistado, resistir a esse assédio com elegância e displicência, e ao cavalheiro compete o papel de conquistador e, ao mesmo tempo, protetor, guardião dos movimentos dela. Dessa maneira surge a condução, onde o cavalheiro guia a dama por espaços e movimentos seguros, que garantam sua exposição como figura central da beleza da coreografia.

A satisfação da dama também é um dever do cavalheiro. Segundo Zamoner (2011), a regra para ser bom cavalheiro é satisfazer sua dama, e isso será atestado pela mesma e, ele próprio, ao constatar essa satisfação, ficará contente com seu sucesso e isso para ele será símbolo também de poder.

Essa ordem, no entanto, evoluiu para uma questão autoritária em algum momento da história. Ao cavalheiro passou a caber o poder de decisão de quando e como realizar determinados movimentos. Essa discussão foi posta em pauta, nessa pesquisa, a partir do ponto de vista dessa autora, que afirma que na pista de dança tem sido difundida a ideia de que o poder de decidir os movimentos a serem executados, seu tempo e a direção que o par segue no espaço, caberia somente ao cavalheiro e, à dama, restaria a obrigação de obedecer. Esta é uma relação de poder desequilibrada, que tende a não se manter (Zamoner, 2011).

Mas, ainda segundo a autora, os fatos, bem como essa pesquisa, nos mostram que a condução clássica vem ultrapassando os séculos e persiste nas pistas de dança. Portanto, concluímos que deve ser do agrado de ambos que assim permaneça.

Outro objetivo dessa pesquisa foi considerar o discurso de mulheres envolvidas no contexto da dança de salão, para ratificar o aspecto por nós proposto como objeto de pesquisa: a construção do feminino na dança de salão. Mas acabamos também colocando em pauta várias facetas da dança na condição de atividade física e social. As mulheres entrevistadas puderam expor sobre a importância que essa atividade teve em suas vidas, sobre os benefícios que esta atividade trouxe para sua saúde do corpo e da mente.

Muitos discursos apaixonados remetem a como a dança pode ser um “bálsamo” para os problemas, sejam físicos ou mentais. Algumas delas dizem ter suas vidas totalmente transformadas depois que ingressaram neste universo. Relatam terem se sentido libertas a partir da dança. Libertas no sentido literal e figurado. Uma delas disse que desde criança “fugia” para dançar. Como se a dança exercesse esse poder de libertação, de um mundo autoritário, onde vivia.

No âmbito da saúde, algumas delas afirmaram ter se livrado de dores que as incomodavam, mesmo sem nenhuma prescrição médica nesse sentido. Em relação a isso, achamos pertinente mencionar alguns benefícios dessa atividade antes dos relatos das alunas.

Chamou à atenção a afirmação de algumas alunas se sentirem “mais jovens” ao dançar. Considerando que todas são idosas, essa afirmação remete aos benefícios de que a dança oxigena o cérebro, estimula a circulação sanguínea, desenvolve a força e a resistência, alonga e lubrifica os músculos,

gerando mais energia e vitalidade, daí então essa sensação de rejuvenescimento. E, claro, elas estavam falando também da forma como são tratadas por seus instrutores. Da mesma forma, estes relatam ter com elas esse tratamento, até para proporcionar os benefícios citados acima, conhecidos por eles também.

Em relação à construção do feminino, embora não tivessem o conhecimento teórico dos termos, muitas acabaram mencionando alguns aspectos estudados por nós professores, como o floreio e as formas de condução.

O floreio, no discurso delas, permite construções corporais extremamente femininas, e a tomada de consciência desses movimentos vai imprimindo sua personalidade na dança. Algumas afirmaram se sentir mais sensuais. Isso é parte dessa tomada de consciência de si e de seu papel de dama no salão.

No que tange à condução, essas mulheres demonstraram estar de acordo com a condução masculina; uma delas afirma ser a condução um quesito que demonstra se o cavalheiro “sabe ou não sabe dançar”. Mesmo entre os professores - homens e mulheres -, essa questão é convenção.

Após algumas discussões em torno da questão da condução, concluímos que, apesar de polêmica, ainda vigora um acordo mútuo de que o cavalheiro é quem deve conduzir.

Nas entrevistas realizadas com os professores, essa temática foi mais amplamente discutida, uma vez que todos concordam que o cavalheiro deve conduzir, mas todos também estão informados a respeito de novas técnicas de condução e, inclusive, já vivenciaram ou vivenciam essas diferentes propostas.

No entanto, mesmo se mostrando susceptíveis às mudanças, eles (inclusive uma professora), defendem que será muito lenta a transformação nesse âmbito, pois a polêmica dos papéis persiste, isto é, segundo alguns, a mulher ao conduzir assumiria o papel de cavalheiro e vice e versa, o que ocasionaria uma falha na comunicação durante a dança. Para os professores, o homem se tornaria inseguro, pois não saberia como agir e teria de adivinhar o que a dama proporia como movimento.

A maioria desses profissionais disse que a melhor forma de “quebrar” o autoritarismo da condução é a indução, segundo os quais é uma forma de orientar os movimentos, e não “guiar”. Os mesmos chamam também de “falsa

liberdade” o ato de permitir que a dama realize seu floreio livremente, mas sob sua tutela.

No início dessa pesquisa, era simples classificar essa postura condutória como machista e arbitrária, tendo em vista a emancipação feminina acentuada em que vivemos, onde a mulher, apesar de continuar lutando por igualdade, já garantiu muitos direitos, inclusive o de conduzir seu ponto de vista.

Entretanto, no decorrer das leituras, das discussões apresentadas, do conhecimento histórico que se produziu, e da análise dos discursos dos sujeitos envolvidos, pudemos construir a compreensão de que tais papéis de dama e cavalheiro foram sendo construídos ao longo do tempo sob regras de conduta civilizatórias muito arraigadas de tradicionalismo, mas, ao mesmo tempo, que inspiram boas relações, nos salões e na vida. Um dançarino tende a ser respeitoso com sua dama; uma dama tende a aceitar delicadamente a condução e expor seus floreios com graça, protegida pela orientação espacial de seu par. Essa conduta harmoniosa é o que faz com que os dançarinos e dançarinas levem adiante, até os dias atuais, o conjunto de comportamentos civilizatórios da dança de salão.

Quanto às diferenças entre os gêneros na categoria sobre a seleção de parceiros, evidenciamos que os homens observam a aparência feminina para escolher uma parceira para dançar; consideram que a sensualidade é o aspecto mais importante quando dançam com alguém; utilizam a influência da dança na vida amorosa apenas para favorecer o “ficar” e descrevem que as pessoas que normalmente dançam possuem uma boa aparência. Para complementar nossos achados, recorreremos às palavras de Amélio (2001) quando ressalta que esse grupo de atributos elencados pelos homens é muito importante na seleção de parceiros e a aparência é importante porque é um dos principais determinantes da atração e está associada ao status social e econômico, à saúde, à idade, à capacidade reprodutiva, etc.

As mulheres, em seu turno, observam o grau de intimidade, a sociabilidade e a assertividade dos possíveis parceiros com quem pretendem dançar; relatam que o respeito, a sintonia e a habilidade motora do parceiro são os aspectos mais importantes quando dançam com alguém; mencionam ainda que utilizam a influência da dança na vida amorosa para melhorar a dimensão emocional e destacam que as pessoas que normalmente dançam

são mais sensíveis. Neste caso, Amélio (2001) destaca que o sucesso social é muito valorizado num parceiro amoroso. Esse sucesso facilita o convívio social, faz com que a pessoa sinta que está tomando a decisão certa ao escolher o parceiro que tem essas características sociais como ser sociável, ter personalidade excitante e ser popular, e com isso fortalece a autoestima e favorece a vida do casal.

Esses resultados mostram claramente como os gêneros são diferentes em relação à categoria seleção de parceiros. Dentre todas as indagações pertinentes a essa categoria, os homens se importam mais com a beleza, com a sedução, por estas iniciarem um relacionamento casual; enfim, homens se importam com a estética física feminina. As mulheres são influenciadas pelas dimensões afetivas, sociais, comportamentais, psicológicas e habilidades sociais masculinas envolvidas na interação interpessoal, neste estudo em especial, relacionado com ato dançante.

Para corroborar com nossos achados descreveremos as palavras de Hanna (1999) quando menciona que:

A dança certamente pode ser um fim em si mesma – prazerosa de se praticar e sem precisar de desculpa ou pretexto fora dela própria. No entanto, a dança também pode ser um meio para um outro fim. Como uma forma de comunicação não verbal que os estudiosos têm documentado como enredada com o regulamento interpessoal, a dança pode transmitir mensagens tais como o que deve ser sexual, o que deve ser um homem ou uma mulher, o que deve estar mais perto, me ver ou fazer sexo comigo. A dança pode demonstrar as relações interpessoais, prover um caminho de mobilidade social e oferecer uma opção para se romper com um molde. [...] A dança pode desempenhar um papel na formação da consciência e capacidade reflexiva de uma pessoa. [...] A dança é um meio de explorar as condições mutáveis da sexualidade, identidade e papel sexual que ocorrem por sobre o curso do ciclo da vida. [...] A dança pode ter múltiplos significados, que são reconhecidos ou ainda não verbalmente articulados (HANNA, 1999, p. 344-345).

As mudanças não de vir, segundo os estudiosos, e também os entrevistados, mas devem ser implantadas lentamente. Segundo Zamoner (2011), “talvez homens e mulheres da atualidade não estejam maduros o bastante para quebrar o paradigma vetor da condução”. Apontamos para uma geração futura que possa transformar a dança de salão, acrescentando maior interação e domínio de si para que damas e cavalheiros arquitetem conjuntamente cada dança.

## REFERÊNCIAS

ABREU, E. V.; PEREIRA, L.T. Z.; KESSLER, E. J. Timidez e motivação em indivíduos praticantes de Dança de Salão. **Conexões**, Campinas, v. 6, nº especial, 2008.

BARON-COHEN, S. **A diferença essencial**: a verdade sobre o cérebro de homens e mulheres. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOELLNER, S.V; CAIO, R. Os Jogos Olímpicos e o turismo: uma visão sócio econômica. **Revista Movimento e Percepção**, UNIPINHAL, v. 6, n. 8, 2006.

HANNA, J. L. **Dança, sexo e gênero**: signos de identidade, dominação, desafio e desejo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

KNAPP, M. L.; HALL, J. **A comunicação não-verbal na interação humana**. São Paulo: JSN, 1999.

LABAN, R. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

MARCELINO, J. B.; SILVA, K. R. **Dança de salão**: uma nova proposta pedagógica para o Ensino Médio. 42f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Centro Universitário Amparense – Amparo, 2007.

MEYER, E. D. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L; NECKEL, J. F; GOELLNER, S. V. **Corpo, Gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

VERDERI, E. B. **Dança na escola**: uma abordagem pedagógica. São Paulo: Phorte, 2009.

ZANIBONI, L.; CARVALHO, A. G. Dança de salão: uma possibilidade de Linguagem. **Revista Conexões**, Campinas, v.5, n.1, 2007.

## WEBGRAFIA

ACADEMIA DE DANÇA ELIMAR GUIMARÃES. **Ritmos de dança**. Disponível em: < <http://www.elimarguimaraes.com.br/ritmo-bachata>> Acesso em: jan. 2018.

A TIME TO DANCE. **Juggling a passion for dance with real life**. Publicado em: 20 de outubro de 2008. Disponível em: <<https://atimetodance.wordpress.com/2008/10/20/dancing-with-the-stars/>>

BARROS, Keyla. **Salsa com tempero verde e amarelo**. Disponível em: <<http://site.dancaempauta.com.br/salsa-com-tempero-verde-e-amarelo/>> Acesso em: jan. 2018.

CENTRO DE DANÇA SÃO PAULO. **Aula inicial de samba de gafieira.** Disponível em: <http://www.centrodedancasaopaulo.com.br/aula-inicial-de-samba-de-gafieira>. Acesso em jan. 2018.

DANCEWORKS DEVON. **Latin American Improvers Level Two January 2018.** Disponível em: <https://www.danceworksdevon.com/product/latin-american-improvers-january-2018-2/>

DANÇA DE SALÃO. Forró universitário. Disponível em: <http://www.ensino.pr.senac.br/londrina/danca%20de%20salao/forro%20universitario.html> Acesso em: jan. 2008.

GOMES, J. V. **Um pouco sobre a história da dança de salão no Brasil.** Disponível em: <http://www.danceadois.com.br/portal/cultura/um-pouco-sobre-a-historia-da-danca-de-salao-no-brasil.html> Acesso em: jan. 2008.

GROUPON. **Salsa or Bachata Classes for One or Two at Amaya Dance.** Disponível em: <https://www.groupon.com/deals/amaya-dance-1> Acesso em: jan. 2018.

K&L DANCE. **Zouk.** Disponível em: <http://www.kldance.com.au/about/zouk/?v=19d3326f3137> Acesso em: jan. 2018.

MSN. **Estilo de vida:** Gosta de dançar? Veja os benefícios da atividade para a saúde! Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/saude/fitness/...dancar...beneficios...saude/ss-BBEJBtp> Acesso em: jan. 2018.

NAKASONE. **Espaço de dança:** ritmos. Disponível em: <http://www.nakasone.com.br/ritmos.php> Acesso em: jan. 2018.

OITO TEMPOS. **Dança de salão.** Disponível em: <http://www.oitotempos.com.br/> Acesso em: jan. 2018.

RITMO DA VIDA. **Estilos de dança?** Conheça-os. Disponível em: <http://m2-ritmoda vida.blogspot.com.br/p/estilos-de-danca-conheca-os.html>

TIPOS DE DANÇA. **Dança de salão.** Disponível em: <http://tipos-de-danca.info/dancas-de-salao.html> Acesso em: jan. 2018.

VIMBLE. **Free Tango Open House.** Disponível em: <https://www.vimbly.com/nyc/strictly-tango-nyc/free-tango-open-house> Acesso em: jan. 2018.

WIKIPEDIA. **Dança de salão.** Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Dan%C3%A7a\\_de\\_sal%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Dan%C3%A7a_de_sal%C3%A3o) Acesso em: dez. 2017.

ZAMONER, Maristela. **E se as damas conduzissem.** Publicado em 14 de março de 2011. Disponível em: [site.dancaempauta.com.br/e-se-as-damas-conduzissem/](http://site.dancaempauta.com.br/e-se-as-damas-conduzissem/)

<https://www.msn.com/pt-br/saude/fitness/...dancar...beneficios...saude/ss-BBEJBtp>

<b>Entrevista</b>	
<b>Professor (a)</b>	<b>Alunas</b>
<b>1ª) Que razões lhe levaram a ingressar na dança de salão?</b>	<b>1ª) Que razões lhe levaram a ingressar na dança de salão?</b>
<b>2ª) Qual o significado da dança de salão na sua vida?</b>	<b>2ª) Qual o significado da dança de salão na sua vida?</b>
<b>3ª) Quais transformações a dança de salão acarretou no seu dia a dia, positivamente?</b>	<b>3ª) Quais transformações a dança de salão acarretou no seu dia a dia, positivamente?</b>
<b>4ª) Como ocorre a relação entre você e a dança?</b>	<b>4ª) Como ocorre a relação entre você e a dança?</b>
<b>5ª) Você tem percepção corporal?</b>	<b>5ª) Você tem percepção corporal?</b>
<b>6ª) Qual o seu entendimento sobre a técnica da condução?</b>	<b>6ª) Como você realiza a construção da sua dança?</b>
<b>7ª) Na sua opinião, a mulher pode conduzir?</b>	<b>7ª) Como você adquiriu maleabilidade corporal na dança de salão?</b>

## **Entrevistas – 07.11.17**

### **Academia Dance + - Centro de Dança**

Entrevistada: **Aluna Antônia Vasconcelos (68 anos).**

- A minha percepção melhorou muito com a dança, e minha coordenação motora também. A dança me trouxe muitas coisas boas.
- O cavalheiro me conduz, mas eu percebo quem sabe ou não dançar. Através da condução eu consigo criar movimentos.
- A mulher pode conduzir com certeza. Se for preciso, eu conduzo como cavalheiro, como amigo.

## • **Entrevistas – 14.11.17**

### **Academia Cabanos**

Entrevistada: **Nely Monteiro (63 anos).**

- Eu entrei na dança por uma prima que me levou para fazer uma aula com o Rollon Ho, ainda lá na Jeronimo Pimentel. Agora já estou há 11 anos só com ele, ele é meu filho de coração, sou madrinha do primeiro filho dele.

Eu moro só, tenho 3 filhos e 9 netos, sou bem animada, minha prima me levou, eu gostei... Em casa, as pessoas nos tratam como velhas, mas na dança de salão, em contato com os meninos (que são todos jovens), o tratamento é sempre de igual para igual, eles nos tratam como jovens, em um ambiente de respeito, de família, e eu me sinto mais jovem, me dou muito bem com todos eles.

- Tudo... Eu vou morrer dançando, e morrerei feliz.
- Me sinto mais jovem, tenho muita energia, e não me canso com nada, estou sempre disposta... Eu gosto muito de ajudar, prefiro dar a receber.

- Relação total... A gente depende de dinheiro, e eu queria ter mais dinheiro para dançar mais ainda. Eu danço de segunda a quinta e queria ir para todas as festas de finais de semana.

- Eu venho para a dança e todo o cansaço passa... Eu tenho um problema de saúde muito grave, mas se danço eu não sinto nada, eu danço e não tenho dor.

- Eu casei muito nova, na verdade, eu casei para dançar, por que meu pai não me deixava dançar. Quando casei, meu marido me levava... Eu conheci meu marido aos 12 anos e casei aos 17 e quando me divorciei... Eu me liberei. Dançava sexta, sábado e domingo. Já que eu era presa pelos meus pais, e ainda por cima me divorciei, foi uma liberdade. A dança foi a melhor coisa que me aconteceu na vida, isso eu posso te garantir... Eu vou morrer dançando.

- **Entrevistas** – 14.11.17

### **Academia Cabanos**

Entrevistada: **Gladys Vasconcelos (xxx)**

- Eu ingressei por acaso. Fazia musculação, ginástica por esporte, e aí começou uma turma de dança de salão. Eu fiz uma aula experimental e me apaixonei, já participei em 5 academias, começando na Cia Atlético com Roberto e Lana e depois indo lá para a academia do Marcelo Thiganá. Lá fiz umas aulas com o Marcelo, mas me apaixonei pelo samba de gafieira, que eu fazia com o Gilberto Thiganá e a Celiane, e foi com eles que aprendi a dança samba: foi lá que aprendi de verdade.

- Eu coloco no nível de importância do meu trabalho, que é gratificante, que me recompensa; eu sobrevivo do meu trabalho financeiramente e com a dança eu sobrevivo emocionalmente e também fisicamente... É uma dependência de fato, porque quem pratica algum esporte, qualquer tipo de esporte, atividade física, acaba dependente, pois existe uma química que cria essa dependência, então eu já fiz sacrifícios inimagináveis para não perder a dança... Eu fraturei o úmero e 2 meses depois eu tirei a tipóia e fui participar de um congresso de tango. Eu chorava de dor, mas eu participei feliz, com a liberação do médico, porque ele disse que eu tinha que movimentar o meu braço, eu disse para ele que quando eu fosse dançar o tango, o cavalheiro iria levantar o meu braço... O médico disse “você precisa movimentar, pode ir”... Eu chorava de dor, mais fui.

- Socialização. Pode não parecer, mas eu sou extremamente tímida, ao ponto de que se eu tenho que cruzar o salão, eu não quero passar pelo meio, porque

eu acho que as pessoas vão olhar; eu vou pelos cantos para ninguém me ver. Hoje sou palestrante, dou entrevistas na televisão... A dança me ajudou a falar em público, mas ainda sou tímida.

- Relação total... Inseparável, não vivo sem ela (a dança). Eu danço em 3 academias, e uma delas é a Cabanos, com o Rollon. Ninguém diria que eu tenho problemas no joelho (Dromalasia no joelho), pois também danço tango há 3 anos com o Sidney Teixeira, com aulas particulares, e também faço dança aos sábados na Cia Atlética com o David.

- Sim, no início a gente começa querendo entender o corpo, querendo entender o ritmo, o fazer e dançar depois com o entendimento do corpo. O meu corpo reage diferente se estiver dançando um tango, com uma postura elegante... Já se eu estiver dançando um samba, adoto uma postura de alegria e sensualidade; bolero é elegância. Dançar não é só repetir passos: temos que pensar no ritmo através do corpo... Eu vivo a dança, eu amo a dança.

- **Entrevistas** – 14.11.17

### **Academia Cabanos**

Entrevistada: **Maria Conceição Almeida (64 anos)**

- Bom, eu sempre gostei de movimento. Eu já tinha alguma afinidade com movimento, fazendo musculação e ginástica, mas eu queria alguma coisa mais “para dentro”, aí eu fui buscar alternativas. Eu gostava de dançar, mas nenhum tipo de dança se encaixava no que eu queria... Isso sem falar que houve também uma mudança de bairro. Mudei-me para a Pedreira, e passando aqui pela frente, eu entrei para conhecer, e me identifiquei. Eu disse “é isso que eu quero”, e estou há 6 anos.

- Para mim a dança vai muito além de simplesmente fazer movimentos: ela me preenche. Eu não tenho nenhum problema de ansiedade - na verdade me sinto uma “moleca” jovem -, então para mim, a dança é movimento, sentimento, tesão, ela é um bocado de coisas.

- Significa tudo. Danço de segunda a quinta sempre que possível, e me apresento com a turma no teatro Waldemar Henrique... Minha filha veio de São Paulo só para assistir a uma apresentação minha, então isso é muito gratificante, por que é de coração. Eu volto para casa leve e isso é a dança: leveza que me deixa tranquila. Eu faço dança todos os dias, faço pilling, musculação, pilates e ainda sou dona de casa. Acho que a dança me dá isso, não sinto cansaço de nada, eu sou 220 volts.

- Transformação no corpo, pois quando a gente dança, a gente tem alguma coisa de sensualidade, que às vezes está guardada. Eu me sinto mais bonita, mais mulher, mais “tchan”.

- Temos uma relação bem íntima. Se você me conhecesse há alguns anos, sem fazer dança, eu até sorria, mas o meu marido diz que eu não sorria um sorriso feliz: era algo comedido, que não se abria completamente... Hoje a dança me traz tudo isso. Tenho um sorriso verdadeiramente feliz.

- O pilates me deu a leveza, essa concepção corporal, e junto com a dança, hoje eu consigo caminhar mais consciente, fazendo os passos, os movimentos do quadril, ambos bem mais cadenciados de mulher. Quando olho para trás, quando eu não conseguia nem captar os sons de cada instrumento... Hoje eu consigo pegar esse ritmo e codificar para dentro de mim, e de dentro de mim eu saio me mostrando com a dança, com a leveza, com essas construções de sons que eu faço para as minhas pernas, meus braços, pés...

- **Entrevistas** – 14.11.17

### **Academia Cabanos**

Entrevistada: **Profª Thais Sousa (19 anos)**

- Eu entrei com 9 anos em um projeto social na escola pública Rodrigues Pinage, perto de minha casa. O Rollon era o professor, pois logo que ele saiu do Calypso ele entrou nesse projeto social, e eu fiz algumas aulas com ele. Infelizmente o projeto não foi para frente... Mas ele me chamou juntamente com minha prima pra entrar na Cabanos. Não era no Alegria (era um pouco mais longe de casa), então como eu tinha 9 anos, não fui. Só depois de um bom tempo, com 14 anos, eu voltei.

- Eu acho que desde quando eu vi a dança de salão, desde quando eu tive contato. A dança de salão é muito ampla, e quando você entra não tem como não amar. Ela é a minha vida, a minha verdade.

- Milhões... Começando porque eu sempre fui muito “jogada”. Eu andava de qualquer jeito na rua, sempre fui um “moleque”, e a dança fez com que eu me arrumasse mais, aprendesse a me comportar, fora outras coisas... Quando eu entrei, fui logo para a companhia, então desde ali eu tive que aprender muitas coisas que não eram do meu cotidiano, como a ter mais atitude, a ser mais mulher e mais firme nas minhas decisões (por que infelizmente a mulher na dança de salão ainda sofre muito preconceito)... Eu entrei muito nova e sofri

muito com isso, inclusive com relação à minha família, mas eu saí daquela indecisão para ser mais firme.

- Relação que tem seus altos e baixos. Às vezes eu tenho vontade de desistir, mas continuo pelo amor. É uma relação de amor e ódio.

- Acho que sim, a gente trabalha bastante com isso.

- Eu posso conduzir sem precisar de um cavalheiro; não preciso ter um corpo de homem para conduzir uma dama, eu posso ser uma dama conduzindo outra dama. Eu posso ser quem eu quiser. Sobre a condução, eu acho uma área muito complexa. A dama já tende a dançar sozinha, a não seguir a condução do cavalheiro, a dama segue uma falsa liberdade... Você vem do iniciante, passa para iniciados e quando chegar ao avançado, você pode propor.

- **Entrevistas** – 14.11.17

### **Academia Cabanos**

Entrevistado: **Profº Rollon Ho (33 anos)**

- Eu entrei na dança de salão ainda muito novo, e até meus 14 anos, eu não sabia o que queria fazer. Eu conheci a dança de salão por influência de amigos no projeto social da escola pública E.E.E.F.M Paulinho de Brito com o Profº Marcelo Thiganá. Quando eu cheguei, fiz um teste e gostei muito, pois vi o meu professor dançando e pontuei que era isso que eu queria para a minha vida profissional: eu queria seguir a dança, mesmo sem saber se teria que ter algum trabalho extra, sem saber se conseguiria me manter com ela.

- Hoje a dança de salão para mim é 80% da minha vida, pois hoje eu sobrevivo 100% da dança de salão, já que sou formado em educação física, mas não atuo na área. Eu fiz Educação Física em função da dança, por que na época não havia formação em dança em Belém. Hoje essa arte é meu sustento, sustento dos meus filhos, e inclusive eu tenho uma preocupação de como vai ser o meu futuro, pois eu sei que vai chegar uma idade que eu não vou mais ter o mesmo pique de hoje, de dar aulas, e as apresentações, viajar...

- A dança trouxe no meu dia a dia algumas pessoas que mudaram o meu ser, e eu acredito que as pessoas que não dançam têm uma forma diferente de agir, de pensar... Eu estava assistindo a um filme e nele houve o seguinte depoimento: “se as pessoas dançassem o mundo não teria tanta guerra...”. Você é mais sensível quando dança, não é mais aquela pessoa bruta do dia a dia, por que a dança te dá essa sensibilidade.

- Totalmente, mas antigamente, por exemplo, eu dançava axé e suingueira, e tinha um comportamento, e meu corpo se adaptava de uma forma. Hoje eu estou 100% na dança de salão, sempre abraçado com uma dama, e os meus braços não tem mais facilidade para dançar sozinho, e é aí que eu percebo que a minha percepção corporal em relação a dançar sozinho é um pouco menor em relação a minha dança hoje no salão.

- A minha dança de uns 3, 4 anos para cá mudou muito. Eu tenho 18 anos de dança de salão. Ex: eu tinha uma condução totalmente ativa, como ativar os meus braços e ficar todo o tempo firme. O meu braço esquerdo envolvia a dama, ele ficava totalmente conduzindo a dama constantemente e hoje não, hoje eu busco outra percepção sobre condução, na ligação do braço com o contato com a dama. Eu faço a condução chamada indução, onde você induz a dama a fazer tal passo, tal movimento sem precisar de força nos braços, mas eu quero zerar força em cima da minha dama, eu quero induzi-la a fazer sem força, para que ela perceba o que eu quero que ela faça.

- Eu tenho um pouco de tradicionalismo. Hoje eu já estudo 4 tipos de conduções: a que o cavalheiro conduz 100%; a falsa liberdade que o cavalheiro dá; a compartilhada; e a que a dama te propõe movimentos... Em minha opinião, a condução varia muitos movimentos da dança, por ex: eu estou dançando, e se eu solto a minha dama, ela pode propor e eu aceito a “onda” dela. Eu estou dançando e aí ela me dá possibilidades de fazer outras coisas que eu não estava pensando em fazer. Agora, a dama conduzir um cavalheiro ainda não entrou na minha mente, a não ser que eu esteja me propondo a ser conduzido e ela a ser condutora; agora dentro de uma dança na qual a gente pode trabalhar essas duas coisas, em algum momento acho que isso vai chegar ao atrito, aí não vai dar certo.

- **Entrevistas** – 07.11.17

### **Academia Swing**

Entrevistado: **Profº Teo de Souza**

- Uma noite a Amélia, muito minha amiga, me pediu que eu a levasse até a academia do Marcelo Thiganá. Quando chegamos lá, de cara ela me apresentou ao Thiganá, e disse “olha, ai está mais um dançarino”. O professor falou “não chegou na hora, mas vamos fazer a aula”, ai eu falei “me deixa

observar primeiro, se eu sentir vontade, irei participar”. Ele me disse para ficar a vontade... Isso faz quanto tempo? Não sei te precisar, mas faz muito tempo, mais de 20 anos. Observei e no outro dia, voltei...

Passados uns dias, eu tomei iniciativa e procurei a academia, e desde este dia eu esqueci o vício, o vício do jogo, o baralho.

Só lá na academia eu estou há 13 anos. Eu tenho uns 22, 23 anos no geral. Foi esse o motivo pelo qual eu procurei a dança.

- A dança de salão, assim como a dança em geral para mim é o combustível da minha vida, porque o combustível da minha vida? Porque através da dança de salão eu conheci várias pessoas que me incentivaram a me aprofundar cada vez mais na dança de salão. Quem são essas pessoas? Dra. Neide Pereira (advogada, uma das primeiras alunas do Thiganá), Nilton, Alegria Zaguri, entre outras. Então a dança de salão é o combustível da minha vida.

- Sim. Prazer e satisfação, porque eu não tenho a dança de salão como um trabalho, mas sim como uma paixão e quando se ama uma coisa, a gente não faz pelo trabalho. Faz por amor.

- A minha relação com a dança ocorre da melhor maneira possível, como se eu tivesse descoberto um tesouro na minha vida. Porque um tesouro? Porque ela foi o remédio inesgotável que me curou de um vício, o vício do baralho. A dança para mim foi como um bálsamo para uma doença incurável.

- É claro que eu tenho, com todo esse tempo de dança que eu tenho se eu não tivesse concepção corporal era melhor não dar aula. Mas tem muitos professores que não tem, não é? A experiência vale a competência.

- Na realidade, os cavalheiros na dança em geral, não só na dança de salão... Cavalheiro que não sabe conduzir, não permite que a dança dance, por quê? Porque a dama depende da condução do cavalheiro para poder evoluir nos movimentos... Mas ai você está dizendo que a dama não pode conduzir? A não ser que ela esteja dançando como cavalheiro, ai é outra coisa. Uma professora de dança de salão tem obrigação de saber conduzir tão bem quanto um professor masculino. Se eu estou com uma dama, tenho obrigação de conduzi-la. Aprofundei-me bastante na condução. Quais os fatores que você tem para condução? Condução Objetiva e a Expressiva? Objetiva, através dos braços e a expressiva é através do corpo que expresse a minha condução.

- Indiscutivelmente sim, dentro da situação dela... Desde que ela esteja dando uma aula de dança, ela tem que ter o conhecimento da técnica da condução, tanto da objetiva quanto da expressiva.

## **Academia Dance + - Centro de Dança**

Entrevistada: **Profº Ewerton Gaia**

- Eu comecei para conseguir dinheiro, por que eu vim de Baião e não tinha emprego, ai a dança seria um método de fazer a vida. Como eu trabalhava com o Hamilton lá na Marina Benarrós, ele me chamou, e eu vi que era a oportunidade de ganhar dinheiro mais rápido; foi por isso que eu ingressei na dança. Mas logo depois veio o amor, aquela paixão, e foi um dos motivos que me fez sair do Hamilton, pois eu queria ingressar na área para dar aulas, eu queria mais conhecimento... Então comecei a me envolver, é o que eu sempre falo: dança é vida, dançar cura qualquer tristeza. A dança mudou a minha vida em muitos termos, me tirou do foco de muitas coisas, do que vinha de pior na minha cabeça. Hoje eu faço Educação Física na Unama, mas foi a dança que me levou... Hoje em dia, quando eu dou aula e vejo os alunos pegando os movimentos, chega a ser muito emocionante. Ex: Há pouco tempo eu peguei um casal para coreografar seu casamento, fiz a primeira aula e percebi que eles não sabiam nada; eu pensei “será que eu encaro?”. No terceiro dia, eles já faziam a coreografia sem meu comando. A dança me transformou numa pessoa muito melhor, e eu pretendo nunca parar de dançar.

- Em termos de percepção corporal, eu acho que quem é professor a possui... Concepção corporal vem do ritmo, da música, e eu acho que qualquer professor que sabe dançar possui percepção corporal.

- Quando eu comecei a dançar, não sabia conduzir, ai o professor falou para mim “Ewerton, você tem que conduzir a dama”. Hoje eu não gosto de conduzir, eu prefiro induzir; gosto de mostrar o caminho para a dama, igual ao giro: o giro não é conduzido, é induzido.

- Eu acho que a dama pode conduzir, com certeza. Eu acho mesmo, a Juliane me conduz muito bem, como um excelente cavalheiro e eu como a dama... Às vezes a condução delas é até melhor que a nossa.

- **Entrevistas** – 07.11.17

## **Academia Dance + - Centro de Dança**

Entrevistado: **Profº Ewandro Sales (28 anos)**

- O tango é uma dança onde o cavalheiro tem que esperar a dama, a decisão dos floreios... É ela quem decide se vai continuar ou não, assim como o west

cost, que é uma dança onde a dama propõe se o cavalheiro levantará o braço com o intuito de girá-la; se ela não quiser, ela não gira.

Aqui na dance + nós damos autonomia para a dama: ela decide os movimentos que quer fazer... Não sei se foi isso que me influenciou, mas eu sou muito feminista, então eu gosto de pensar muito na dama. Não acho que o cavalheiro tem que mandar em tudo; eu vejo que se der um papel diferente para dama – e se treinar bem isso -, o cavalheiro será mais ágil, e aqui na academia estamos trabalhando isso nas minhas aulas das 19h às 20h e das 20h às 21h.

Eu li em um artigo, onde se falava de processos, experimentações com o papel da mulher nessa troca de condução, que esse processo não funcionava. Havia também a condução ativa, a compartilhada (que é a que eu gosto), a mulher propondo assim como o homem...

Em algum momento, ela passa a conduzir sem deixar de ser dama, por que nem sempre tudo o que o cavalheiro conduz a dama de dança de salão faz, mesmo que seja o mais hábil cavalheiro, uma vez que a condução é uma comunicação e nem falando conseguimos ser entendidos, imagine dançando.

E aí quando o cavalheiro conduz, se ele não treinar essa liberdade da dama, quando ela errar, ele para, pois não executou o lado criativo dela fazer movimentos, e então ele tenta se encaixar em um próximo movimento, e é isso que a gente faz; eu dou liberdade para minha dama: ela propõe movimentações e eu tento me encaixar em um próximo movimento. É uma quebra de paradigma. A dama não está acostumada a fazer movimentos, a fazer brincadeiras. Na última aula aqui na academia, eu propus uma dinâmica e elas demoraram a se encaixar... Eu dizia “Olha, o movimento é esse, mas vocês vão deixar esses movimentos usuais e vão propor o menos obvio”.

Outra coisa que está acontecendo muito nos bailes de dança de salão... Os cavalheiros estão dançando como damas, no papel delas... Isso gera uma grande confusão, porque elas não aceitam, com preconceito delas mesmas. O engraçado é que os homens aceitam, mas elas não... Alegam que “há tantas damas nos bailes e vocês vão dançar como mulher, aumentando a concorrência...”. A briga delas é essa... Isso nos bailes de dança de salão clássica, por que nos bailes populares, de brega, de seresta, você encontra o homossexualismo inserido bem naturalmente. Os “héteros” tiram os “homo” para dançar, e às vezes eles dançam muito melhor que a própria dama... Eu acho isso impressionante, um ponto a mais, por que não traz choque nenhum. É natural, geralmente quem faz papel de dama não consegue dançar de cavalheiro, ele é a dama mesmo.

Por isso que não deu certo o projeto da condução compartilhada, porque por mais que eu seja um profissional, eu não estou acostumado a ser dama, então eu sou um excelente cavalheiro, conduzo muito bem, mas porque eu estou acostumado a conduzir, então se eu for dançar como dama, por mais que eu saiba as conduções, eu não vou dançar tão bem; é uma questão de costume, de prática, o mesmo caso deles. Existem damas que são excelentes, mas que não são mulheres, são gays, ou que não são gays, mas adoram dançar como damas. Antes havia muito preconceito... Cavalheiro é cavalheiro e dama é dama. Hoje, com a discussão sobre gênero, houve muitas mudanças...

Eu acho que daqui a alguns anos um novo papel será consolidado para as damas na dança de salão, porém isso é um processo. Enquanto não pensarmos que os floreios e as variações que as damas fazem quando o cavalheiro dá liberdade (liberdade não, falsa liberdade), não significam estar livre, a dama estará tentando fugir de algo, e que a todo o momento o cavalheiro vai tomar dela... Por ex: o tango dá certa liberdade para ela, porque possui alguns ganchos que ela faz, e ela mesma pode diminuir a velocidade, e quando ele percebe que ela terminou, ele a traz de volta... Isso eu chamo de falsa liberdade, quando ele dá o momento de floreio; liberdade seria se ele desse para ela o momento dela para poder criar, propor o próximo movimento e ai ele teria que se virar para encaixar-se no passo dela. Na dança contemporânea, há o contato e improvisação, onde eu proponho e ela tenta encaixar. Fica então uma dança imprevisível, eu não sei o que passa na cabeça dela e muito menos ela sabe o que eu estou pensando, e acaba virando uma brincadeira...

Fora da nossa academia, ainda existe muito preconceito de que a dama não pode fazer nada além do que o cavalheiro conduz. Ela não pode nem subir uma perna se o cavalheiro não permitir.